



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS ARTES E JORNALISMO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS

BAJUBÁ: “Linguagem” como traço identitário do segmento LGBT

MACAPÁ
2016

ELINE SAMARA DE SOUZA SANTOS
IOLENI RIBEIRO DE MORAES
RUANY MAIRA DA SILVA SILVA

BAJUBÁ: “Linguagem” como traço identitário do segmento LGBT

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Colegiado de Letras Inglês da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Português-Inglês e suas respectivas Literaturas.

Orientador: Prof. Esp. Silvagne Duarte

MACAPÁ

2016

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Esp. Silvagne Duarte (UNIFAP)

1ª Examinadora: Profa. Dr. Martha Zoni (UNIFAP)

2º Examinador: Prof. Me. Rosivaldo Gomes (UNIFAP)

Macapá, 30 de Maio de 2016

A todos que contribuíram direta ou indiretamente, dedicamos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer desta jornada, especialmente, a Deus, a quem devo minha vida, pois sem ele não estaria completando mais esta etapa.

À minha família, principalmente minha mãe, Eliene Dias, meu pai, Helio Martins e minha irmã, Elaine Santos, grandes incentivadores do meu crescimento, que mesmo diante às dificuldades, sempre me apoiaram nos estudos, nas escolhas tomadas e a todo momento estiveram ao meu lado, providos de paciência e confiança, dando incentivo e contribuindo para o meu sucesso.

Ao Yure Alencar pela compreensão, carinho, apoio emocional, incentivo e pelas pequenas contribuições que foram de grande relevância para a produção deste trabalho.

Ao meu orientador, professor Silvagne Duarte, que teve papel fundamental na elaboração desta pesquisa, sempre auxiliando, partilhando conosco suas ideias, conhecimentos, experiências e, principalmente, dando suporte para encontrarmos os melhores caminhos para o bom desenvolvimento deste estudo.

A todos os professores do curso de Letras-Ingês da Universidade Federal do Amapá, que foram fundamentais na minha vida acadêmica e contribuíram significativamente para o meu aperfeiçoamento profissional.

Às minhas colegas, parceiras de pesquisa, Ioleni Moraes e Ruany Maira, pelo companheirismo, amizade, cooperação e disposição para a realização dos estudos que nortearam esta monografia.

Agradeço, de um modo geral, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação. Muito obrigada!

Eline Samara de Souza Santos

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os que contribuíram e fizeram parte desses cinco incansáveis anos de graduação. Com vocês compartilho a alegria de mais uma realização de minha vida acadêmica.

Agradeço ao Ser Supremo que ilumina meus caminhos, pela proteção e cuidados a mim concedida.

Ao nosso orientador, Silvagne Duarte, pelo empenho e dedicação em nos orientar na elaboração e conclusão deste trabalho.

Ao colegiado de Letras em especial esses professores: Martha Zoni, Darllen Rocha, Antônio dos Martírios e Rosivaldo Gomes, a qual tenho grande respeito e admiração pelos conhecimentos compartilhados que e contribuíram bastante no meu aprendizado.

Aos meus pais, Iracema e Rubens, por serem os primeiros a depositarem confiança em mim, pelo apoio incondicional e incentivo a busca de meus objetivos. Aos meus irmãos e minhas irmãs Rafaela e Irany, que sempre me ajudaram e estiveram ao meu lado.

A minha turma, Letras Inglês 2011, principalmente a Dani, Bia, Deise, Thaíse, Vaneza, Adriele, Brendo, Moisés, Rodrigo e as minhas parceiras de TCC, Congressos, trabalhos, Samara e Ruany pela amizade, aprendizado e companheirismo durante esses anos de graduação.

Meus agradecimentos aos amigos: Edu, Nilzan, Taynara, Wellen, Paulo, Carina, Ingrid, Fabrício, Cleo, Bê, Aretha, Márcio, Clau, Ingli, Paula e João, vocês são grandes companheiros/as e irmãos/ãs que fizeram parte e contribuíram bastante na minha formação e que continuarão presentes em minha vida.

Agradecimento especial à Federação Amapaense de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (FALGBT), no nome de André Lopes e Renan Almeida, que nos receberam muito bem e contribuíram bastante para que a pesquisa de campo se realizasse.

De maneira geral, meus sinceros agradecimentos a todos que colaboraram para realização deste trabalho.

Ioleni Ribeiro de Moraes

AGRADECIMENTOS

Peço desculpas à aquelas pessoas que não estão presentes entre essas palavras, mas elas podem estar certas que fazem parte do meu pensamento e de minha gratidão.

Agradeço em primeiro lugar à Deus ao qual iluminou meu caminho durante essa jornada, pois o que seria de mim sem a fé que tenho nele.

Aos meus pais e irmão por me ensinarem tudo de melhor que poderiam, por direcionar a mim todo o amor que uma filha sempre sonhou em receber e assim dar a base para que eu chegasse até aqui e encarasse este desafio de peito aberto e com todo suporte para que nos momentos de cansaço e dúvida, eu retomasse a garra e a vontade de lutar.

Agradeço de forma especial ao nosso professor, Silvagne Duarte, por sua dedicação, conhecimento e pela orientação deste trabalho.

Agradeço às minhas colegas, amigas, irmãs, companheiras, Eline e Ioleni, que acima de tudo sempre estiveram comigo durante toda a caminhada até aqui. Aos meus amigos que estiveram sempre torcendo por mim, estejam perto ou longe, mas espiritualmente sentia a presença constante.

Agradeço ao Matheus Gelsdorf, por todo apoio, suporte e paciência. Aos meus professores que me passaram conhecimento, experiências de vida e profissionais, durante esses cinco anos de curso.

Muitos acrescentaram, contribuíram e continuam acrescentando para o meu crescimento profissional e individual. Obrigada a todos. Vocês fizeram toda a diferença para ser o que sou.

Ruany Maira da Silva Silva

“Em um mundo onde a linguagem e o nomear as coisas são poder, o silêncio é opressão e violência.”

(Adrienne Rich)

RESUMO

Partindo de pressupostos teóricos que articulam estudo sobre sexualidade (FOUCAULT, 1998; FRY; MACRAE, 1985), gênero (BUTLER, 2003; MISKOLCI, 2012; PESSES; MARTIN, 2005), identidade (MOITA LOPES, 2002, 2006) e Análises do Discurso Crítica, doravante ADC (FAIRCLOUGH, 2001; RESENDE; RAMALHO, 2006; MELO, 2009), essa pesquisa tem por objetivo apresentar a construção de identidade relevantes para estudos em Linguística Aplicada (LA), além de analisar o bajubá – linguagem originada pela união de várias línguas africanas com português brasileiro, que passou a ser utilizada, inicialmente, pelas travestis que frequentavam os terreiros de Candomblé e, posteriormente, pela comunidade LGBT- como prática discursiva, socioculturalmente construída, que atua como mecanismo de defesa, resistência, bem como autoafirmação de identidade social e linguística de um segmento historicamente oprimido e estigmatizado. Para o desenvolvimento dos objetivos, ocorreu a aplicação de questionários, além de observação e gravação de entrevistas, com 6 pessoas da Federação Amapaense de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (FALGBT) e 4 pessoas da Universidade Federal do Amapá (Unifap). Através desses instrumentos de pesquisa, constatou-se, nas análises de dados, a relação entre o bajubá e os componentes linguísticos de ritos afro-brasileiros, bem como ratificou que essa linguagem apresenta-se como constituição identitária LGBT, no qual os permite uma livre interação e dinâmica de sociabilidade, nos mais diferentes assuntos e ambientes, sem que possam ser compreendidos por determinados indivíduos que estão próximos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Bajubá. Práticas Discursivas. Identidade. LGBT.

ABSTRACT

Starting from methodological assumptions that articulate the study on sexuality (FOUCAULT, 1998; FRY; MACRAE, 1985) identity (MOITA LOPES, 2002, 2006) and Analysis Critical Discourse henceforth ADC (FAIRCLOUGH, 2001; RESENDE; RAMALHO, 2006; MELO, 2009), is research aims to present the construction of relevant identity for studies in Applied Linguistics (LA), in addition to analyzing the Bajuba – language originated by the union of several African languages with Brazilian Portuguese, which began to be used initially by transvestites who attended the yards of Candomblé and subsequently throughout the LGBT community – as a discursive practice, socio-culturally constructed, which acts as a defense mechanism, resistance and social identity of self-assertion and language of a segment historically oppressed and stigmatized. For the development of goals, there was the application of questionnaires, observation and recording interviews with six people from Amapaense Lesbian Federation, Gay, Bisexual, and Transgender (FALGBT) and 4 people from the Federal University of Amapá (UNIFAP). By the use of these instruments, it was found in the data analysis, the relationship between Bajuba and linguistic components of african-Brazilian rites, as well as confirming that this language is presented as identity constitution LGBT in which allows a free and dynamic interaction sociability, in many different subjects and environments, where they can not be understood by certain individuals which are around them.

KEYWORDS: Language. Bajubá. Discursive Practice. Identity. LGBT.

RESUMEN

A partir de presupuestos teóricos que articulan estudio la sexualidad (FOUCAULT, 1998; FRY; MACRAE, 1985) identidad (MOITA LOPES, 2002, 2006) y análisis crítico del discurso , en adelante ADC (FAIRCOULGH, 2001; RESENDE; RAMALHO, 2006; MELO, 2009) esta investigación tiene como objetivo presentar construcción de la identidad relevante para los estudios de Lingüística Aplicada (LA), además de analizar el bajuba – lengua que se originó por la unión de varias lenguas africanas con el portugués de Brasil, que pasó a ser usados inicialmente por los travestis que frecuentaban los terreiros de Candomblé y, más adelante, para todas las personas LGBT-como práctica discursiva, socio-culturalmente construida, por lo que actúa como un mecanismo de defensa, resistencia, así como declaración de identidad social y lingüística de un segmento históricamente oprimido y estigmatizado .Para el desarrollo de los objetivos, la aplicación de cuestionarios, además de la observación y grabación de entrevistas con 6 personas de Amapá Federación de lesbianas, Gays, bisexuales, travestis y transexuales (FALGBT) y 4 personas de la Universidade Federal do Amapá (Unifap). A través de estos instrumentos de investigación, se observó, en el análisis de datos, a relación entre el bajuba y los componentes lingüísticos de los rituales Afro-Brasileña, así como ratificar que esta lengua es identidad, constitución de LGBT, en el que gratuitamente permite interacción y dinámica de la sociabilidad, en muchos diferentes temas y ambientes, sin que pueda ser entendido por algunas personas que están cerca.

PALABRAS CLAVE: Lenguaje. Bajuba. Prácticas Discursivas. LGBT.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Aurélia: Dicionária da Língua Afiada	28
Figura 02 - III Conferência Estadual dos Direitos Humanos	87
Figura 03 - III Conferência Estadual dos Direitos Humanos	88
Figura 04 - III Conferência Estadual dos Direitos Humanos	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Participantes da Pesquisa	46
Tabela 02 - Palavras de Origens Africanas.....	51
Tabela 03 - Sufixos de alguns termos em Bajubá.....	62

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AD: Análise do Discurso

ADC: Análise do Discurso Crítica

AGES: Associação de Gays do Espírito Santo

CID: Código Internacional de Saúde

DH: Direitos Humanos

LA: Linguística Aplicada

LC: Linguística Crítica

FALGBT: Federação Amapaense de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

OMS: Organização Mundial de Saúde

ONG: Organização Não Governamental

Unifap: Universidade Federal do Amapá

Ueap: Universidade Estadual do Amapá

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	16
1	CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO	19
1.1	GÊNERO, IDENTIDADE E SEXUALIDADE	19
1.2	LINGUAGEM COMO IDENTIDADE SOCIAL: BAJUBÁ	25
1.3	ANÁLISE DO DISCURSO: CRÍTICA SOCIAL	29
2	CAPÍTULO II - METODOLOGIA	35
2.1	TIPO DE PESQUISA	35
2.2	CONTEXTO DE PESQUISA	37
2.2.1	Local da pesquisa	37
2.2.2	Participantes	39
2.2.3	Tempo	39
2.3	INSTRUMENTOS DE PESQUISA	40
2.3.1	Observação	41
2.3.2	Entrevista	41
2.3.3	Questionário	42
2.4	PROCEDIMENTOS DE DADOS	42
3	CAPÍTULO III - ANÁLISES DE DADOS	45
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
	REFERÊNCIAS	78
	GLOSSÁRIO	81
	APÊNDICES	83
	APÊNDICE – A	83
	APÊNDICE – B	85
	APÊNDICE – C	86

INTRODUÇÃO

O segmento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) carrega marcas de um passado pautado em padrões cristãos e heteronormativos. Essas “normas” fizeram com que este adotasse estratégias contra o preconceito e intolerância. Assim, originada pela união do Português com várias línguas africanas - as quais eram utilizadas em ritos religiosos do Candomblé e Umbanda - o segmento apropriou-se de uma “nova” forma de comunicação, o Bajubá.

Destarte, esta monografia, intitulada **“BAJUBÁ: “Lingua(gem)” como Traço Identitário do Segmento LGBT”**, surgiu em virtude de nossa participação no XXXV Encontro Nacional de Estudantes de Letras (Enel) que ocorreu entre os dias 27 de julho a 02 de agosto de 2014, em Belo Horizonte-MG, sendo que nesse encontro, foram discutidos - por meio de mesas, comunicações, minicursos, oficinas e plenárias - diversos temas relacionados ao curso de Letras, dentre eles, havia uma oficina **“AQUENDANDO O BAJUBÁ: A Linguagem Homossexual Quanto Elemento Vocabular De Resistência”**, a qual foi norteadora para nosso TCC, uma vez que tínhamos convivência direta com esse segmento social e, conseqüentemente, com seu discurso, porém, muitas vezes, utilizávamos como forma de descontração, sem ter o conhecimento de que tratava-se do Bajubá.

Daí a necessidade em fazer um trabalho voltado a uma temática tão importante - que engloba aspectos linguísticos, sociais, culturais, políticos e identitários - não obstante pouco trabalhada em nosso estado. Logo, este escrito tem por objetivo principal analisar o bajubá como prática discursiva construída socioculturalmente, que atua como mecanismo de defesa, resistência, bem como autoafirmação de identidade social e linguística de um segmento historicamente oprimido e estigmatizado.

Para subsidiar melhor o processo de construção de identidade, antecedendo ao estudo de campo, fizemos um levantamento bibliográfico com bases teóricas voltadas à Sexualidade (FOUCAULT, 1998; FRY; MACRAE, 1985), Gênero (BUTLER, 2003; MISKOLCI, 2012; PESSSES; MARTIN, 2005), Identidade (MOITA LOPES, 2002, 2006) e Análise do Discurso Crítica, doravante ADC (FAIRCLOUGH, 2001; RESENDE; RAMALHO, 2006; MELO, 2009).

Entende-se, que tais estudos tópicos têm suas bases fundamentadas, principalmente, nas Ciências Sociais, a qual nos apoiamos para iniciar esta discussão. Partindo desse pressuposto, o primeiro capítulo – Referencial Teórico - quanto aos aspectos relacionados a primeira seção - Gênero, Sexualidade e Identidade - os

teóricos abordam a sexualidade numa perspectiva sócio-histórica-cultural e socioconstrucionista, tendo em vista que as identidades não são inatas, mas construídas socialmente, desse modo, não se restringindo a uma visão biológica, assim como, também, compreendem que gênero está relacionada à questões de identificação social.

No que diz respeito aos estudos da segunda seção – Linguagem como Identidade Social: Bajubá - apresentaremos uma reflexão acerca de sua origem e importância, que elucida, um dos objetivos específicos, a relação entre o Bajubá e componentes linguísticos de ritos afro-brasileiros, no qual, a partir desses embasamentos teóricos, podemos inferir que essa linguagem, trazida pelos negros africanos, vai além de uma troca linguística simbólica, pois em uma época - Ditadura Militar- onde o segmento era perseguido somente por não poder exercer de forma livre sua orientação sexual e identidade de gênero, essa linguagem, emprestada dos povos de santo, apresentou-se como mecanismo de defesa e resistência.

Diante disso, entende-se que é necessário fazer uma abordagem tanto de aspectos linguísticos quanto políticos e sociais para, assim, compreender se essa prática discursiva favorece a comunidade LGBT na luta contra o preconceito ou se, “apenas”, trata-se de uma questão identitária. Em busca desses questionamentos, recorreremos à Análise do Discurso Crítica – Terceira seção - uma vez que suas propostas têm um caráter emancipador e uma preocupação com questões sociais no que concerne a grupos enfraquecidos em termos de poder e desprivilegiados socialmente e desestabilização de discurso hegemônico.

O segundo capítulo – Metodologia - quanto à natureza, a pesquisa foi básica por representar a busca de novos conhecimentos e investigar os fenômenos e os fatos. No que diz respeito à abordagem, é qualitativa, pois busca uma realidade que não pode ser medida em quantidade, trabalha com o universo de significados, valores, crenças e atitudes e possibilita que o pesquisador obtenha suas próprias conclusões. É de caráter exploratório, tendo em vista que proporciona uma familiaridade maior com o assunto, visando torná-lo mais explícito ou constituir hipóteses. E, quanto aos procedimentos técnicos, além do levantamento bibliográfico, a pesquisa é estudo de campo, que nos possibilitou uma aproximação com falantes de nosso objeto de estudo.

Como parte fundamental para obtenção de resultados, empregamos três instrumentos/técnicas de pesquisa: observação direta/participativa, entrevistas e

questionários. A partir disso, buscou-se, no terceiro capítulo – Análise de Dados - compreender a construção de identidade LGBT e analisar a dinâmica de sociabilidade por intermédio da utilização do Bajubá.

O *corpus* desta pesquisa consiste em 10 entrevistas não estruturadas, registradas e transcritas, e aplicação de 10 questionários abertos com membros da Federação Amapaense Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais - FALBGT e da Universidade Federal do Amapá- Unifap, ambos espaços localizados na cidade de Macapá-AP.

Em linhas gerais, este trabalho contribuirá para compreender o uso da linguagem em um processo de construção de identidade fundamentadas nos teóricos trabalhados no estudo, assim como [re]afirmar convicções e reflexões acerca do Bajubá.

1. CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

A descrição deste trabalho atribuído à linha de pesquisa e teórica destina-se a análise da prática discursiva e identitária de um grupo social denominado LGBT. O referencial teórico permitiu explorar o problema pesquisado através de teóricos e estudos já realizados sobre a temática.

Serão abordadas três seções, a primeira retratará as desigualdades entre homens e mulheres ao longo da história e como o gênero, são predeterminados pela sociedade e, principalmente, como esses conceitos contrapõe aos dos teóricos abordados que abordam o gênero como processo de identificação.

Na segunda seção, será abordada a linguagem utilizada pela sociedade LGBT, o Bajubá, sua história, origem, processo de transformação e identificação por essa comunidade. A terceira seção, que finaliza este capítulo, expõe um panorama sobre o surgimento de uma disciplina, Análise do Discurso Crítica (ADC), onde há uma mesclagem de Linguística com Ciências Sociais, além de apontar a relação da linguagem como prática social e construção de identidade social.

1.1. Gênero, Identidade e Sexualidade

O gênero, historicamente, teve seu conceito vinculado ao sexo. Esse pensamento foi o responsável por tornar homens e mulheres desiguais na sociedade, tendo em vista que as diferenças biológicas entre os dois acabaram contribuindo para as posições sociais diferentes de ambos. Pessis e Martín (2005), destacam que as origens das desigualdades tentam demonstrar a superioridade física e mental dos homens sobre as mulheres. E no decorrer da história humana, diversas explicações foram propostas para justificar essa teoria. Os primeiros estudos sobre as desigualdades entre mulheres e homens tinham como base características biológicas femininas, levavam em consideração sua fragilidade e pouca força física. Segundo Pessis e Martín (2005),

Teorias de cunho biológico se opõem àquelas que explicam a desigualdade de gênero apenas como um fenômeno cultural. As primeiras defendem um determinismo biológico originado no dimorfismo sexual e nas especificidades de gênero na função reprodutiva da espécie. Essa especialização de gênero estaria acompanhada, na mulher, por um desenvolvimento da racionalidade inferior ao do homem, em benefício de uma maior afetividade que condicionaria seu comportamento a padrões desiguais e inferiores que aos dos homens. (PESSIS; MARTÍN, 2005, p.17).

Essa teoria, que inferiorizava a mulher, durou por muito tempo. Porém, após o capitalismo industrial, 1780 a 1870, o movimento feminista surgiu para lutar contra a subordinação da mulher. “De forma muito simplificada, era como se a luta de trabalhadores contra o capital estivesse sendo apenas adaptada a um contexto em que novos sujeitos lutavam contra outras formas de pressão” (MISKOLCI, 2012, p. 28). A racionalidade moderna junto com os movimentos sociais femininos e a evolução da democracia levaram as mulheres a ingressarem no cenário político e sua força de trabalho começou a ganhar espaço na industrialização.

Assim, com intuito de obter aceitabilidade científica do campo de pesquisa pertinente aos estudos femininos, o termo mulheres foi substituído por gênero, pois apresentava certa neutralidade. “A utilização do termo gênero mostrou que tanto mulheres quanto homens são produtos do meio social e suas condições de vida são históricas e variáveis.” (SANTOS, [s.d], p.5). Miskolci (2012) também contribui retratando que,

A partir do final da década 1980, com a disseminação do conceito de Foucault sobre uma analítica do poder, a nova política de gênero começa a modificar essa forma de conceber a luta política e a apontar como é a cultura e suas normas que nos criam como sujeitos. (MISKOLCI, 2012, p. 28)

O gênero, geralmente, influencia a vida das pessoas, visto que antes mesmo do indivíduo nascer, são criadas diversas expectativas quanto a sua sexualidade e ao papel que deverá ocupar na sociedade. O sujeito já nasce inserido em processos sociais, políticos, educacionais e econômicos que deverá seguir ao longo de sua vida e que são ensinados a ele desde criança.

Desse modo, o gênero acaba sendo imposto às pessoas através das relações sociais, ao invés de ser um processo de identidade de cada um. Segundo Fry e MacRae (1985), “estas expectativas, nem sempre conscientes, são impostas através de uma série de mecanismos sociais” (p.11), ou seja, por intermédio de processos de socialização e educação dos indivíduos para se tornarem homens ou mulheres que se comportam de acordo com os padrões sociais. Na maioria das vezes, espera-se que os indivíduos tenham uma conduta baseada na categoria de sexo a qual pertencem, pois “desde o berço, meninos e meninas são submetidos a um tratamento diferenciado que os ensina comportamentos e emoções considerados adequados.” (FRY; MACRAE, 1985, p.11).

Através dos estudos sobre gênero, pode-se observar que os papéis femininos e masculinos foram pré-estabelecidos na sociedade. Os indivíduos ao nascerem são introduzidos em processos sociais que visam moldá-los de acordo com o comportamento considerado “normal” para um homem e para uma mulher. A partir desse ponto de vista, é possível perceber que as pessoas que exercem qualquer atitude que não esteja de acordo com o que sempre foi imposto como “correto” para seu sexo, são consideradas anormais e, conseqüentemente, estigmatizadas.

Segundo Saffioti (2005), gênero é uma maneira de existir do corpo e o corpo é uma situação, um âmbito de alternativas culturais recebidas e reinterpretadas. O corpo é fundamental para definir a situação da mulher ou do homem no mundo, contudo não é suficiente para defini-la como mulher ou defini-lo como homem.

Butler (2003) analisou o conceito de gênero, no qual, inicialmente, estava baseada a teoria feminista. Essa teoria parte da ideia de que o sexo é natural e o gênero é socialmente construído. A autora afirmou que, “nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (p. 26) e que “um eu verdadeiro é simultâneo ou sucessivamente revelado no sexo, no gênero e no desejo” (p. 45). Butler destaca ainda a afirmação de Simone de Beauvoir: “o indivíduo não nasce mulher, torna-se mulher”. Através dessa concepção a autora evidencia que o ser que se torna mulher não precisa ser necessariamente fêmea.

Estudos realizados pela “**Teoria Queer**”¹ afirmam que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos se estabelecem por meio de uma construção social. Por essa razão, a sexualidade de cada um não tem uma definição pronta, ela varia socialmente.

“A Teoria Queer lida com o gênero como algo cultural, assim, o masculino e o feminino estão em homens e mulheres, nos dois. Cada um de nós - homem ou mulher – tem gestuais, formas de fazer e pensar que a sociedade pode qualificar como masculinos ou femininos independente de nosso sexo biológico.” (MISKOLCI, 2012, p. 32)

Pode-se perceber, a partir desses estudos, que o gênero de um indivíduo não se define, necessariamente, pelo seu sexo, trata-se também de um processo de identificação, que pode ser estabelecido de acordo com as afinidades de cada um; uma pessoa pode nascer com um sexo e se identificar com outro.

¹ De acordo com Miskolci (2012), a Teoria Queer foi um movimento que surgiu como reação e resistência às injustiças e violências contra aqueles considerados anormais ou estranhos por mudarem o gênero ou não enquadrarem suas vidas amorosas e sexuais no modelo heterorreprodutivo.

Butler (2003) mostra que o sexo também é uma construção sócio-histórica e cultural reproduzida e constituída performativamente, que, no decorrer do tempo, tornou-se naturalizada possuindo “características físicas” que parecem nos anteceder. Portanto, dentro de uma matriz cultural que prioriza a heterossexualidade, existe a expectativa de que as pessoas nascem com um sexo biológico original que se alinha a um gênero e, conseqüentemente, terão desejo sexual por pessoas do sexo biológico e gênero oposto. As pessoas que se identificam em modos de vida que não se encaixam nesse padrão são reprimidas e marginalizadas.

Através de pesquisas de campo realizadas em um ambiente escolar, sobre identidades sociais de gênero masculino e homoerotismo (atração erótica entre indivíduos do mesmo sexo), Moita Lopes (2006) constatou que é bastante preconceituosa e intolerante a visão dos alunos sobre esse tema. É evidente que esse preconceito advém de fatores históricos relacionados ao conceito de gênero que foi estabelecido na sociedade, conceito esse que associava o gênero ao sexo, afirmando que os indivíduos já nascem com os gêneros biologicamente determinados e de determinados discursos estabilizados em uma ordem do discurso.

O estudo sobre gênero possibilita compreender não apenas a posição das mulheres e dos homens na sociedade, mas também a relação entre sexualidade e poder, pois o masculino e o feminino sempre passaram por um sistema de hierarquização, no qual, um era o ativo e o outro o passivo, estabelecendo, dessa forma, uma ligação entre sexualidade e dominação de sexo, tendo em vista que o homem sempre assumiu uma posição superior em relação à mulher. Essa relação de soberania não ocorre apenas no que tange aos dois sexos, mas também no que diz respeito à heterossexualidade e homossexualidade.

Segundo Fry e MacRae (1985), a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Sendo assim, ela pode ter várias interpretações de acordo com os diversos segmentos da sociedade. Os autores afirmam ainda que “desejos homossexuais são socialmente produzidos como são também produzidos desejos heterossexuais.” (p.16).

Miskolci (2012), destaca que os primeiros estudos da **“Teoria Queer”** visavam modificar o pressuposto de que a maioria é heterossexual, tendo em vista que “ se a homossexualidade é uma construção social, a heterossexualidade também é. Então

o binário hetero-homo é uma construção histórica que a gente tem que repensar. ” (MISKOLCI, 2012, p. 31)

Sabe-se que relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo já existem há muito tempo na história da humanidade. A homossexualidade era livre na Grécia Antiga e fazia parte dos ritos mantidos por mestres e pupilos em busca da sabedoria. Segundo Foucault (1998), os homens gregos tinham liberdade para escolher entre ambos os sexos, pois a homossexualidade era permitida pela lei e havia bastante aceitação na sociedade em relação a essa escolha. Porém, para Foucault, a utilização do termo homossexualidade não é adequada para essa época, pois não havia uma categoria de identificação correspondente. Essa noção do homossexual como um tipo identificável, para o autor, é uma formação moderna.

De fato, a noção de homossexualidade é bem pouco adequada para recobrir uma experiência, formas de valorização e um sistema de recortes tão diferentes do nosso. Os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamentos radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto. (FOUCAULT, 1998, p.167).

Foucault (1998) destaca, ainda, que os gregos podiam amar, simultaneamente, um rapaz ou uma moça. “Era corrente, após as inclinações "para rapazes" na juventude, voltar-se de preferência para as mulheres” (FOUCAULT, 1998, p 168). De acordo com esse fato, seria possível considerar a existência da “bissexualidade” entre os gregos, entretanto essas práticas não eram consideradas duas espécies diferentes de desejos.

Podemos falar de sua "bissexualidade" ao pensarmos na livre escolha que eles se davam entre os dois sexos, mas essa possibilidade não era referida por eles a uma estrutura dupla, ambivalente e "bissexual" do desejo. A seus olhos, o que fazia com que se pudesse desejar um homem ou uma mulher era unicamente o apetite que a natureza tinha implantado no coração do homem para aqueles que são "belos", qualquer que seja o seu sexo. (FOUCAULT, 1998, p.168)

Apesar das relações entre rapazes serem uma prática livre entre os gregos, segundo Foucault (1998), havia o desprezo pelos jovens muito fáceis ou muito interessados, rejeição de certas condutas vergonhosas como a dos devassos, bem

como a desqualificação dos efeminados, que eram zombados pelos autores cômicos. Além disso as relações

Os gregos não tinham instituições para obrigá-los a obedecer as proibições sexuais. Isso surgiu, basicamente, com a Igreja, no século IV. Neste século, o sexo era tratado como prática corruptora de princípios morais.

Os homossexuais, constantemente, são vítimas de discriminação. Ao longo da história tiveram e continuam tendo a sua orientação sexual reprimida e ignorada, isso também se deve ao fato de que, historicamente, a homossexualidade foi considerada um pecado ou uma patologia. Porém, na década de 80, o movimento homossexual brasileiro conseguiu que o Conselho Federal de Medicina declarasse que, no Brasil, a homossexualidade deixasse de ser classificada como “desvio e transtorno mental”, conforme previa no Código Internacional de Saúde (CID). Na década de 90, a Organização Mundial de saúde (OMS) desconsidera o termo “homossexualismo”, uma vez que, segundo Humberto Rodrigues (2004 *apud* CAETANO, 2009, p. 24), “o sufixo ‘ismo’ é usado para terminologia de palavras associadas a doenças” passando, assim, a ser utilizada como referência “homossexualidade”. Diante disso, a questão da discriminação está associada a fatores culturais e religiosos.

Segundo Alves (2004), com a ascensão do Cristianismo e da Igreja Católica, na Idade Média, os homossexuais foram perseguidos e castigados de maneira rígida. Existia um padrão determinado pela religião que definia a bíblia como única procedência de moral na sociedade. Apesar dessas concepções não terem a mesma força que tiveram anteriormente, boa parte da sociedade contemporânea ainda tem preconceitos baseados no moralismo religioso, na visão deturpada e estigmatizada construída sobre a homossexualidade a partir dessas teorias.

O sistema social atual conta com um grande número de pessoas homossexuais, porém prioriza a heterossexualidade através de dispositivos que a naturaliza e a define como padrão, ou seja, a sociedade tem como fundamento o que Berlant e Michael Warner denominaram como heteronormatividade:

Por heteronormatividade entendemos aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral. (BERLANT; WARNER, 2002, p.230).

De acordo com Miskolci (s.d) até mesmo o homossexual utiliza a heteronormatividade como forma de definir a si mesmo, um exemplo claro é a utilização dos termos ativo e passivo, pelos gays, os quais tomam como referência a visão sobre uma relação sexual reprodutiva a fim de definir os seus papéis sexuais.

Devido à heterossexualidade ser considerada natural, a homossexualidade acabou sendo vista como algo que foge ao padrão e por essa razão é inferiorizada e marginalizada por grande parte da sociedade. Por causa dessa depreciação que os homossexuais sofrem, muitos deles têm dificuldades de assumir sua orientação sexual, na maioria das vezes, por causa do medo do preconceito social que terá que enfrentar, ou, até mesmo, por receio de não serem aceitos pela própria família. Diante disso, Goffman (1988) destaca:

A partir da subversão da ordem operada por uma relação homossexual, os homossexuais são invisibilizados e estigmatizados socialmente. O estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/depreciá-lo, tornando-o um indivíduo "menor" socialmente. (GOFFMAN, 1988, p.34).

A mídia tem divulgado muitos casos de homofobia (rejeição ou aversão ao homossexual e à homossexualidade). Em muitos desses casos o preconceito é transmitido não somente através de insultos, mas também por meio de agressões físicas ou até mesmo assassinatos.

Devido a todo o contexto histórico de preconceito, a comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) se manifestou não somente por meio de protestos, mas também através da linguagem. O segmento LGBT adotou o Bajubá como identidade social e linguística, bem como um mecanismo de resistência e defesa. Esta maneira de se comunicar surgiu da necessidade de, em suas práticas discursivas, o grupo não ser compreendido por quem não convive no espaço onde eles atuam, assim como forma de opor-se à discriminação.

1.2. Linguagem Como Identidade Social: Bajubá

Como instrumento de resistência cultural, o falar do negro africano, trazido ao nosso país no período colonial/imperialista através de escravos, conhecido como lorubá, linguagem religiosa do Candomblé, foi o pilar para construção da resistência da classe LGBT como forma de defesa sobre preconceitos, segregação, abusos e

maus tratos. A etnolinguista, Pessoa de Castro (2005), relata também um pouco sobre Iorubá.

O Iorubá é uma língua única, constituída por um grupo de falares regionais concentrados no sudoeste da Nigéria (ijexá, oió, ifé, ondô, etc.) e no antigo Reino de Queto (Ketu), hoje, no Benim, onde é chamada de *nagô*, denominação pela qual os Iorubás ficaram tradicionalmente conhecidos no Brasil. (2005, p. 3, grifo da autora).

Desse modo, através de várias línguas africanas como: *umbundo*, *kimbundo*, *kinkongo*, *egbá*, *ewe*, *fon*, *nagô* e *iorubá* e a união ao português brasileiro originou-se a linguagem utilizada pela comunidade LGBT, o Bajubá. Oliveira (2013) diz “a interferência do Português no *nagô* acarreta uma mudança de sentido às palavras originais, responsável, também, por alterações de ordem morfológicas e fonéticas” (p. 10).

Segundo Póvoas (1989, p.19) “a superioridade cultural dos negros Yorubá, com suas práticas religiosas bem definidas e uma filosofia de vida bem fundamentada, determinou certa supremacia da língua *nagô*”, com isso, o autor destaca o estabelecimento e permanência do Iorubá como a língua predominante nos terreiros, que, posteriormente, mesclado ao português, originou o Bajubá.

Mediante perseguições evangelistas de princípios católicos, perseguição policial e as demais repressões e preconceitos da sociedade que o segmento LGBT sofria, o Candomblé e Umbanda lhe proporcionaram refúgio, pois eram as únicas religiões que acreditavam que a homossexualidade era natural do ser humano, respeitando-os como indivíduos normais. Segredos e tradições foram sendo transmitidos (PÓVOAS, 1989, p.9), e as travestis, que nos terreiros de cultos se encontravam, adotaram o Bajubá como identidade linguística e social.

Moita Lopes (2002) compreende que identidade afirma-se no discurso e que mergulha no envolvimento das pessoas entre si, agindo de acordo com as práticas discursivas próprias, nas quais se encontram inseridos. Corrobora dizendo que “os processos discursivos constroem certas identidades para terem voz na sociedade” e isso remete ao Bajubá, pois é um discurso que aborda a força de um grupo restrito que, através desta linguagem, combate práticas preconceituosas e discriminatórias, “embora essas possam se alterar em épocas e espaços diferentes.” (p. 36). Ainda sobre isso, assevera o autor que:

A percepção do discurso como construção social coloca as pessoas como participantes no processo de construção do significado na sociedade e, portanto, inclui a possibilidade de permitir posições de resistência em relação a discursos hegemônicos, isto é, o poder não é tomado como monolítico e as identidades sociais não são fixas. (MOITA LOPES, 2002, p.326).

As identidades sociais, de fato, são construídas através da linguagem, pois “não estão nos indivíduos, mas emergem na interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionadas” (Denora and Mehan, 1994:160 *apud* MOITA LOPES, 2002, p.310), nesse sentido, as identidades não devem ser vistas como prontas, únicas e fixas. Moita Lopes, Pennycook e Nelson (2006) consideram arriscada a noção de identidade, pois alguns indivíduos utilizam suas identidades com uma determinada nação, religião, classe social para apagar “quem é diferente de nós”.

De acordo com Woodward (2005, p.11 *apud* CAETANO, 2009, p.42) “a identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças [...] são vistas como mais importantes do que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares”. Essa situação ocasiona problemas na vida social das pessoas, uma vez que existem preconceito e intolerância no que diz respeito às diferenças.

Diante das características, juízos políticos e ideológicos, bem como por centenas de anos de discriminação, a comunidade LGBT passou a reproduzir uma linguagem específica, intrínseca e particular. Nos dizeres de Bernd:

As literaturas dos grupos discriminados – negros, mulheres, homossexuais – funcionam como elemento que vem preencher os vazios da memória coletiva e fornecer os pontos de ancoramento do sentimento de identidade, essencial ao ato de auto-afirmação das comunidades. (BERND, 1992, p. 13-14).

Segundo Moita Lopes (2002), “as pessoas se tornam conscientes de quem são, construindo suas identidades sociais ao agirem no mundo através da linguagem” (p.304). Observando que se trata de um processo de construção social, é possível estudar um indivíduo por meio do discurso e análise sócio- histórica que se encontra.

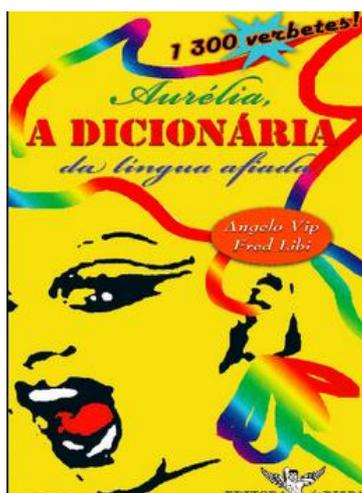
O discurso como construção social é, portanto, percebido como uma forma de ação do mundo. Investigar o discurso a partir desta perspectiva é analisar como os participantes envolvidos na construção do significado estão agindo no mundo através da linguagem e estão, deste modo, construindo a sua realidade social e a si mesmo. (MOITA LOPES, 2002, p.305).

Na condição de oprimidos, o segmento LGBT passou a utilizar o Bajubá no cotidiano como língua(gem) identitária e única, afirmando sua condição e posição, originando uma cultura própria e comunicativa, estabelecendo um código de resistência. Oliveira reforça a ideia de resistência:

Considerando o contexto de preconceito e discriminação vivido pelos homossexuais, a apropriação do dialeto yorubá como forma de comunicação é mais uma expressão de resistência de uma parcela da população que, como os negros, têm um histórico de dificuldades de convivência social e precisam lançar mão de artifícios (desde o estabelecimento de códigos de comunicação até a luta armada) para viver melhor. Os gays viram no caráter fechado da língua yorubá, não apenas uma forma livre de acesso ao divino (comumente negada em outras vertentes religiosas), mas também, através da adaptação semântica, uma forma de comunicação em código que lhes permite falar sem serem entendidos. (OLIVEIRA, 2013, p.11).

Como forma de catalogar todas as palavras do universo LGBT derivadas do *lorubá*, Vip e Libi (2006) lançaram um dicionário intitulado: “*Aurélia, a dicionária da língua afiada*”, onde ficou registrada mais de 1.300 palavras, a maioria no feminino, e reunidas de todas as regiões do Brasil e outros países que utilizam o Bajubá. Circulam por toda a sociedade LGBT e que com seus respectivos verbetes possui as finalidades de difundir os seus significados, mostrar ao mundo quão amplo é o universo de conquista e luta de uma classe que resiste e luta por direitos iguais.

Figura 01 - Aurélia: A dicionária da Língua Afiada ²



² Disponível em: <<https://blogdafausta.com/tag/aurelia/>>. Acesso em: 07 mai. 2016.

Oliveira (2013) conta que “há um extrapolamento da comunicação verbal imediata, alcançando esta linguagem outra dimensão semântica” (p.10), mencionando que parte da linguagem utilizada pela sociedade LGBT vem se expandindo durante anos.

Diante disso, o Bajubá é tido como uma condição de símbolos, cifras, sinais, mas propriamente dito, uma linguagem própria de defesa e “hoje vários termos do Bajubá são muito utilizados entre os homossexuais de uma forma geral e entre várias pessoas que convivem no meio” (SOUZA,1998, p. 231). Os estudos a respeito do Bajubá, ainda, são muito recentes, entretanto já existem alguns artigos que o trazem como tema. Milton Ribeiro da Silva Filho da Universidade Federal do Pará, em seu trabalho intitulado: *De Bajubá em Bajubá, onde será que vai dar? Apropriações, classificações e relações de poder em Belém-PA*, faz uma reflexão acerca da linguagem utilizada pelo segmento LGBT na capital paraense.

Durante a construção da pesquisa, percebi que o *bajubá*, além de fazer uma mediação entre a identificação subjetiva e a identificação coletiva, ajudava a entender um pouco das relações de poder existentes entre LGBT, pois as formas de apropriação e de classificação presentes neste léxico marginal são parte de uma “cosmologia”, de um conjunto de significados, de um conjunto de representações, e por que não dizer, de explicações dos preconceitos e discriminações por parte de quem fala, do sujeito falante, pois mesmo que, inadvertidamente, se aproprie de nichos dessa linguagem acaba levando consigo os traços das relações de poder emanadas pelo constructo semântico. (FILHO, 2010, p.2).

Essa linguagem já existe e circula entre a comunidade LGBT há bastante tempo. Através das referências historicamente citadas e as definições abordadas, ratificou-se que por meio das lutas travadas em busca de respeito e contra as opressões, a classe LGBT conquistou também uma identidade linguística própria, o bajubá, que para eles têm como objetivo uma autoafirmação, além de destacá-los, protegê-los das situações de perigo e possibilitar uma possível troca simbólica entre o grupo.

1.3. Análise Do Discurso: Crítica Social

No fim da década de oitenta, duas publicações: *“Linguistic Processes in Sociocultural Practice”* (KRESS,1988) e *“Language and Power”* (FAIRCLOUGH,1989), consolidam as bases para os estudos críticos da linguagem. A Análise do Discurso Crítica (doravante ADC) surgiu, basicamente, em 1990, em um

simpósio em Amsterdã, ocasião em que, além de Norman Fairclough, encontravam-se outros ícones da área, como: Teun Van Dijk, Gunther Kress, Ruth Wodak e Teo Van Leeuwen. De acordo com Silveira (2009), a ADC está associada à Escola de Filosofia de Frankfurt e surge devido à crescente importância, atribuída, contemporaneamente, à linguagem na vida social.

A ADC originou-se devido aos estudos que não se pautavam em algumas teorias da Análise do Discurso (AD) e, segundo Melo (2009), a partir da filiação a uma corrente da Linguística que, atualmente, é denominada de Linguística Crítica (LC)³. Assim, à luz desse pressuposto, é pertinente ressaltar, ainda, que há uma convergência de LC com a Linguística Aplicada (LA) interdisciplinar que Moita Lopes (2006) defende, haja vista que ambas têm uma concepção crítica a respeito da linguagem, pois a língua(gem), como prática social, se estrutura de várias maneiras, dependendo do contexto sócio-histórico-cultural em que ela se manifesta.

Norman Fairclough foi o principal contribuinte para a consolidação da disciplina no início dos anos 90 e é um dos teóricos fundamentais da ADC. De acordo com os estudos de Melo (2009), esse teórico pretendia fazer análise do discurso como instrumento político contra a injustiça social. Melo (2009) destaca que, para Fairclough, o discurso deve ser visto como uma prática que altera o mundo e altera os outros indivíduos no mundo, assim os analistas da ADC devem elaborar pesquisas que realizem ações voltadas para práticas de resistência à opressão social. O autor menciona, ainda, que as principais contribuições de Fairclough foram a criação de um modelo de estudo do discurso e seu empenho e determinação em explicar por que a linguística era fundamental no papel social e estudos na mídia.

A ADC tem como objetivo configurar a interação entre a linguagem e a prática social levando em consideração toda e qualquer influência, consequência e mudança que a sociedade possa sofrer, independentemente do grau de escala. As autoras

³ No que se refere à LC, Fairclough (2001) nos relata que “Linguística Crítica foi uma abordagem desenvolvida por um grupo da Universidade de East Anglia na década de 1970 (Fowler et al., 1979; Kress e Hodge, 1979). Eles tentaram casar um método de análise linguística textual com uma teoria social do funcionamento da linguagem em processos políticos e ideológicos, recorrendo a teoria linguística funcionalista associada com Michael Halliday (1978, 1985) e conhecida como 'linguística sistêmica'. Considerando-se suas origens disciplinares, não surpreende que a linguística crítica estivesse ansiosa por distinguir-se da linguística regular (na época mais firmemente dominada pelo paradigma chomskyano do que agora) e da sociolinguística (ver Fowler et al., 1979: 185-195). São rejeitados dois 'dualismos prevaletentes e relacionados' na teoria linguística: o tratamento dos sistemas linguísticos como autônomos e independentes do 'uso' da linguagem e a separação entre 'significado' e 'estilo' ou 'expressa (ou entre 'conteúdo' e 'forma').”

Viviane Ramalho e Viviane de Melo Resende introduzem que “a ADC operacionaliza conceitos oriundos tanto na Linguística quanto nas Ciências Sociais.” (2006, p. 8), pois

O termo “Análise do Discurso Crítica” foi cunhado pelo linguista britânico Nornan Fairclough, da Universidade de Lancaster, em um artigo publicado em 1985 no periódico *Journal of Pragmatics*. Em termos de filiação disciplinar, pode-se afirmar que a ADC confere continuidade aos estudos convencionalmente referidos como Linguística Crítica. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 20).

A Análise do Discurso Crítica estuda as interações sociais a partir da análise de textos. Não é um estudo totalmente sociológico e nem de uma abordagem linguística dos textos. Ela caracteriza-se por uma visão própria e distintiva da relação entre linguagem e sociedade, e da relação entre a própria análise e as práticas analisadas, propondo-se, assim como a linha francesa, a tornar transparentes os aspectos opacos dos discursos, no que dizem respeito às desigualdades sociais.

Os conceitos centrais da disciplina são o discurso e as práticas sociais, tratando de um modelo teórico-metodológico livre a diversas práticas na vida social, possuindo a capacidade de traçar relações entre as características linguísticas adotadas por uma sociedade e a “prática em que a interação discursiva se insere” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.11-12). O enfoque crítico da ADC é compreendido como a análise textual e a combinação da prática social interacional, emitindo a combinação da língua e processos sociais. Combinação resumida entre a análise linguística e a crítica social juntamente com o momento sócio-histórico e contemporâneo.

A ADC é, por princípio, uma abordagem transdisciplinar. Isso significa que não somente aplica outras teorias como também, por meio do rompimento de fronteiras epistemológicas, operacionaliza e transforma tais teorias em favor da abordagem sociodiscursiva. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 14).

Silveira (2009) destaca que Análise do Discurso Crítica visa analisar o discurso com um interesse crítico pela linguagem na sociedade contemporânea. Busca uma consciência crítica para tratar das práticas linguísticas cotidianas que são responsáveis por mudanças relevantes nas funções que a linguagem cumpre na vida social.

Compreende-se, então, que o uso da linguagem contribui para a reprodução e transformação da sociedade e da cultura. “A ADC trata, também, de como o discurso constitui a sociedade e a cultura, da mesma forma que é constituído por ela” (SILVEIRA, 2009, p.11).

De forma geral, com suas diferentes vertentes, a ADC ocupa-se dos problemas sociais e analisa, com visão crítica, os aspectos linguísticos e semióticos dos processos e dos problemas sociais, de forma a propor que as mudanças sociais e políticas, na sociedade contemporânea, incluem, geralmente, um elemento discursivo substancial de mudança cultural e ideológica. (SILVEIRA, 2009, p.11).

Para compreender a aplicabilidade da linguagem como atividade em meio social é necessário entendê-lo como “modo de ação historicamente situado” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 25), que é composto do social, constituído de identidades sociais, relações entre a sociedade e sua cultura. Portanto, segundo Fairclough (2001), inexistente uma interação externa entre linguagem e sociedade, mas uma relação interna e dialética.

Ao usar o termo “discurso”, proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexa de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Na concepção de Wodak (2004), a LC e a ADC podem ser conceituadas como campos interessados em analisar relações estruturais, transparentes ou veladas de poder, discriminação e controle manifestados por meio da linguagem. A autora ressalta que a “ADC almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso).” (WODAK, 2004 p. 225).

É possível compreender que para a ADC, o contexto é um fator elementar para realizar o estudo da linguagem, tendo em vista que se refere a uma prática social e, por essa razão, esse método analisa as relações sociais e a forma como ela se manifesta na linguagem. Segundo Silveira (2009), “a ADC está envolvida com problemas sociais de forma a considerar que as expressões linguísticas são materializações da ideologia e que todo uso da linguagem é ideológico” (p.7). A autora afirma ainda que “as ‘expressões linguísticas são ‘terreno de conflitos sociais’” (p.7).

Com base em Melo (2009), pode-se inferir que a Análise do Discurso Crítica é uma ferramenta teórica para a análise das práticas e formações discursivas que constroem as várias ordens sociais vigentes, as relações de poder, as representações, identidades sociais e os sistemas de conhecimento e crença.

A discussão sobre as identidades está ligada aos estudos da ADC. Segundo essa abordagem, um dos efeitos constitutivos do discurso é o de contribuir para a construção de identidades sociais. Como acentuam Shotter e Gergen (1989), as pessoas têm suas identidades construídas de acordo com o modo por meio do qual se vinculam a um discurso – no seu próprio e nos discursos dos outros. E, ainda, conforme Grigoletto (2006: 38), “o ser humano é um ser de linguagem, o que significa compreender que a constituição das identidades realiza-se pelas e nas práticas discursivas”. (MAGALHÃES. I; CAETANO. C; BESSA, 2014, p. 63).

Diante disso, há uma necessidade de se analisar a linguagem em um viés discursivo e que considere as práticas sociais, pois “o uso da linguagem é formado socialmente, portanto não é formado de maneiras monolíticas ou mecânicas” (MAGALHÃES.C, 2001, p.33). A linguagem sempre teve um papel importante nas sociedades e isso tem se intensificado a todo momento, tendo em vista que é através da linguagem que o discurso vai construindo supostas realidades e, dessa forma, mudando identidades, gêneros discursivos e outros discursos.

Assim, a principal função da ADC é tentar compreender as relações entre a linguagem e outros aspectos da vida social e as possíveis mudanças. “O princípio norteador da ADC sustenta-se na noção de que o discurso constitui e é constituído por práticas sociais, sobre as quais se podem revelar processos de manutenção e abuso de poder.” (MELO, 2009, p. 9).

Para Fairclough (2001), a ADC declara abertamente seu propósito emancipador, em que o foco de sua pesquisa científica é a mudança social - preocupação com as questões sociais ligadas aos grupos socialmente desfavorecidos - a partir da mudança discursiva. Sobre isso, o linguista pondera:

A ACD é uma forma de ciência social crítica, projetada para mostrar problemas enfrentados pelas pessoas em razão das formas particulares de vida social, fornecendo recursos para que se chegue a uma solução. É claro que isso leva a uma pergunta: um problema para quem? Na condição de ciência social crítica, a ACD tem objetivos emancipatórios e focaliza os chamados “perdedores” dentro de certas formas de vida social – os pobres, os excluídos socialmente, aqueles que estão sujeitos a relações opressivas de raça e sexo [...] (FAIRCLOUGH, 2001, p.125; tradução de Melo, 2012, p. 312)

Em linhas gerais, fica evidente que a ADC ocupa-se dos problemas sociais e analisa, com visão crítica, os aspectos linguísticos e semióticos dos processos e dos problemas sociais, de forma a propor que as mudanças sociais e políticas, na sociedade contemporânea, incluem, geralmente, um elemento discursivo substancial de mudança cultural e ideológica. A ADC trata também, de como o discurso constitui a sociedade e a cultura, da mesma forma que é constituído por ela. Isto implica que

toda instância de uso da linguagem dá sua própria contribuição à reprodução e à transformação da sociedade e da cultura.

A partir dessa discussão a respeito da ADC, é importante que os aspectos teóricos anteriormente abordados sejam praticados na presente pesquisa, a fim de proporcionar uma análise minuciosa do discurso de falantes do Bajubá através dos embasamentos mencionados e das informações específicas coletadas para nortear o estudo dessa linguagem.

2. CAPÍTULO II: METODOLOGIA

A Metodologia de uma pesquisa é responsável por descrever os mecanismos e as etapas a serem seguidas para coletar e analisar as informações e os dados que norteiam o processo de pesquisa. À vista disso, neste capítulo serão apresentados os métodos que foram adotados para a realização do estudo e para a obtenção de respostas para a nossa pesquisa.

A fim de que esse procedimento ocorra de forma minuciosa, na primeira seção, será especificado o tipo de pesquisa que conduziu os estudos da presente monografia, a qual será classificada quanto à sua natureza e ao tipo de abordagem utilizada.

A segunda seção terá como ponto principal delimitar os locais de realização da coleta de dados, apontar os participantes que contribuíram para a construção do trabalho por meio das informações que foram transmitidas às pesquisadoras e fazer uma delimitação do tempo utilizado para que todo o procedimento de pesquisa de campo fosse realizado.

Na terceira seção, os instrumentos e técnicas de pesquisa serão identificados e caracterizados detalhadamente, com o intuito de explicitar os motivos pelos quais esses instrumentos foram adotados e apresentar suas especificidades. Para finalizar, no último tópico, serão apresentados todo o procedimento de análise dos dados coletados durante a pesquisa, adquiridos por meio das técnicas e métodos selecionados.

2.1. Tipo De Pesquisa

A busca do domínio sobre determinado assunto é definida como pesquisa. O conceito de pesquisa como a ciência do processo de investigação visa atingir conhecimentos sistêmicos e seguros sobre tais, podendo assim, haver um número sem fim de tipos de pesquisa. Gil (2002) complementa que a pesquisa é “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2002, p.17). O fator inicial para reconhecer a necessidade de uma pesquisa é relacionar o nível de conhecimento sobre a temática, seguido da natureza e situação espaço-tempo em que se encontra.

No âmbito científico, a pesquisa tem por finalidade conhecer e solucionar um problema mediante o emprego de métodos científicos onde existem modalidades de

pesquisas científicas específicas para cada estudo, “sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 43). Gil (2002) retrata ainda que:

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados. (GIL, 2002, p. 17).

É fundamental conhecer os tipos de pesquisa existente. Isso determina conhecer os métodos e instrumentos que o pesquisador utilizará no planejamento da sua pesquisa e alcançar os resultados ideais. Existe uma variedade de tipos de pesquisa e “os critérios para a classificação dos tipos de pesquisa variam de acordo com o enfoque dado, os interesses, os campos, as metodologias, as situações e os objetos de estudo.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 43).

Kauark, Manhães e Medeiros (2010) introduzem a ideia de que existem várias maneiras de especificar as pesquisas. Elas variam de acordo com a “natureza, da abordagem (assunto), do propósito (objetivo) e dos procedimentos efetivados para alcançar os dados (meio).” (p.27).

Sobre a natureza da presente pesquisa, foi classificada como básica por representar a busca de novos conhecimentos e investigar os fenômenos e os fatos. Prodanov e Freitas enfatizam a ideia que a natureza básica representa “verdades e interesses universais.” (2013, p. 51).

A *priori* a elaboração deste trabalho deu-se através de levantamento bibliográfico, mas a sua finalidade vai além da teorias de materiais já produzidos, posteriormente, pretendeu-se fazer um trabalho de campo de forma sistêmica, no qual os instrumentos de coletas de dados nos forneceu a comprovação dos resultados das hipóteses, podendo então, possibilitar uma nova visão sobre a temática. Consistiu em questionários, observação direto-participativa, além de entrevistas semiestruturadas com sujeitos participantes desse grupo social. Em relação aos estudos de campo, “procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis.” (GIL, 2008, p. 57).

A abordagem qualitativa foi a escolha por investigar uma realidade que não pode ser medida em quantidade. Esse tipo de análise baseia-se nas ideias, ou seja, nessa pesquisa há discussões teóricas, possibilitando que o pesquisador obtenha

suas próprias conclusões. Esse tipo de análise trabalha com o universo de significados, valores, crenças e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações.

Prodanov e Freitas (2013) afirmam que nesse caso o pesquisador delimita uma quantidade maior de tempo na pesquisa de campo, apresenta uma quantidade de dados voltada para um âmbito maior da realidade estudada e complementa “que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.70).

Esta pesquisa é de caráter exploratório e tem como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41). Segundo Gil (2002) esse tipo de pesquisa tem por finalidade o “aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos ao fato estudado”. (p. 41)

De acordo com Prodanov e Freitas, esse tipo de investigação “assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. A pesquisa exploratória possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51-52).

Desse modo, essa pesquisa visa oferecer maior compreensão a respeito do tema, através de entrevistas com sujeitos que possuem conhecimentos sobre o tema abordado. Assim, o resultado final desse estudo apresenta o problema de forma esclarecida e suscetível a processos mais elaborados.

2.2. Contexto De Pesquisa

O Contexto de Pesquisa está subdividido em três subseções: Local de Pesquisa, Participantes e Tempo. Dessa forma, a fim de justificar os critérios adotados, os apresentaremos detalhadamente, pois esses pontos são as bases que norteiam a eficácia do referido estudo.

2.2.1. Local da pesquisa

O local de realização de uma pesquisa é de suma importância para a coleta eficiente dos dados a serem analisados. Em virtude disso, o trabalho de campo ocorreu na cidade de Macapá, no estado do Amapá, na Federação Amapaense

Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (FALGBT)⁴ por ser uma entidade de máxima representação do segmento LGBT no estado e na Universidade Federal do Amapá (Unifap), no qual foi possível observar que apresenta muitos indivíduos que utilizam a linguagem em estudo devido ser um lugar propício como forma de comunicação, em que o indivíduo é livre para se comunicar. A escolha desses locais⁵ surgiu devido à necessidade de que vários segmentos, grupos sociais, econômicos e culturais sejam analisados, a fim de se fazer um estudo mais amplo sobre os diversos contextos sociais em que o Bajubá está inserido.

O Bajubá é uma linguagem utilizada por boa parte da comunidade LGBT no Brasil, porém não por todos. Sabemos que o nosso país é composto por uma grande diversidade sócio-cultural e linguística que a homossexualidade está presente em meios sociais, econômicos e culturais diferentes. Desse modo, torna-se necessário que a pesquisa seja realizada em diversos contextos, para que pessoas de classes sociais e graus de escolaridade variados sejam entrevistadas. Dessa forma, será possível observar os grupos e ambientes que o bajubá faz parte e predomina como identidade social e linguística.

Nos locais escolhidos para pesquisa ocorreu uma etapa muito importante para o estudo, pois foi onde se realizaram as investigações e o recolhimento das principais informações, através de observações, entrevistas e questionários, as quais proporcionaram às pesquisadoras a obtenção de esclarecimentos sobre situações que influenciam e integram o contexto do objeto de pesquisa. Diante disso, os ambientes escolhidos, foram suficientes para que esta etapa se concretizasse de maneira eficiente e esclarecedora de grande parte dos questionamentos sobre a utilização do Bajubá.

⁴ FALGBT é uma entidade de abrangência Estadual, fundada em 2011, máxima representação da classe LGBT no Estado, que tem como objetivo a defesa e promoção da cidadania desse segmento populacional, tendo o compromisso com a comunidade LGBT na construção de políticas afirmativas, que primem pela garantia das liberdades fundamentais, estabelecidos em um Estado em que a democracia seja plenamente vivenciada para todos, cidadãos e cidadãs, com identidade de gênero independente da qual foi designada em nascimento, defendendo sobretudo, a plena equiparação de direitos, de modo que a homofobia seja criminalizada e transgêneros possam utilizar seu nome social de forma digna, respeitando, assim, sua cidadania em todos os espaços dos quais estão presentes (Dados da Federação, 2016).

⁵ Somente as entrevistas e questionários dos membros da FALGBT foram feitas em locais diferentes, devido os integrantes estarem participando de uma conferência de Direitos Humanos que aconteceu no Ministério Público, onde ocorreu uma das entrevistas, e, posteriormente, os participantes se deslocaram para a praça do coco, local que foi possível colher os dados dos demais.

2.2.2. Participantes

A descrição e delimitação do público alvo, ou seja, dos sujeitos a serem estudados, assim como o seu grau de representatividade em determinado grupo social, constituem um problema a ser enfrentado, uma vez que trata-se do objeto sobre o qual boa parte do trabalho de campo será pesquisado.

O estudo de campo foi direcionado a pessoas assumidamente pertencentes a classe LGBT, indicadas por amigos, bem como alguns membros da Federação Amapaense LGBT, abordados aleatoriamente. A escolha dos participantes deve-se ao fato de que o objeto de pesquisa em questão é uma linguagem que faz parte do universo de boa parte da comunidade LGBT e, por essa razão, é de extrema importância que os levantamentos sejam feitos com indivíduos falantes do Bajubá ou que fazem parte desse grupo social que originou essa nova maneira de se comunicar e interagir.

De acordo com GIL (2002), “a pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema” (p.17). Com isso, podemos inferir que através dos estudos a comunidade LGBT, foi possível obter respostas mais específicas sobre a utilização do Bajubá no cotidiano dos falantes, pois, os mesmos, poderão contribuir com informações que seriam difíceis de conseguir apenas com as pesquisas bibliográficas, visto que, até o presente momento, os relatos disponíveis ainda são bem escassos sobre o tema em questão.

2.2.3. Tempo

Para que a pesquisa de campo seja executada de maneira proveitosa, é necessário que seja disponibilizado um tempo suficiente para a formulação e aplicação de questionários, entrevistas e recolhimento de informações. Segundo Lakatos e Marconi (2003), a coleta de dados “é tarefa cansativa e toma, quase sempre, mais tempo do que se espera. Exige do pesquisador paciência, perseverança e esforço pessoal, além do cuidadoso registro dos dados e de um bom preparo anterior.” (p.165).

É importante que o procedimento de pesquisa seja executado de forma organizada para que tudo ocorra no prazo planejado, pois na visão de Lakatos e Marconi (2003) é importante o entrosamento das tarefas organizacionais e administrativas com as científicas, obedecendo aos prazos estipulados, aos orçamentos previstos e ao preparo do pessoal. As autoras afirmam ainda que “quanto

mais planejamento for feito previamente, menos desperdício de tempo haverá no trabalho de campo propriamente dito, facilitando a etapa seguinte.” (LAKATOS; MARCONI, p.165).

Diante disso, a pesquisa teve duração de uma semana, de 08 a 14 de Março de 2016, sendo que o primeiro dia, 08 de março de 2016, foi destinado para a elaboração e envio do termo de consentimento da entrevista a ser realizada na FALGBT. Nos dias seguintes ocorreram os primeiros contatos para agendamentos das entrevistas com os participantes membros da FALGBT e da Universidade Federal do Amapá. No último dia, 14 de março de 2016, o procedimento de entrevistas foi realizado durante os três turnos, matutino, vespertino e noturno.

De acordo com o procedimento estipulado para o estudo, o tempo determinado, *a priori*, mostrou-se suficiente para que ocorressem as visitas nos locais estabelecidos, a coleta das informações e as entrevistas com os falantes do nosso objeto de estudo. Porém, para que tudo ocorresse de maneira organizada foi feito, inicialmente, um planejamento de todo o processo de pesquisa.

Durante o procedimento ocorreram alguns imprevistos devido à incompatibilidade de horários das pesquisadoras, da dificuldade de comunicação com um dos representantes da Federação Amapaense LGBT e, posteriormente, a falta de respostas dos membros indicado pelo presidente para as entrevistas. Apesar disso, os esclarecimentos foram adquiridos de maneira consistente e a pesquisa pôde ser concluída com informações satisfatórias.

2.3. Instrumentos/Técnicas de Pesquisa

Segundo Lakatos e Marconi (2003), “técnica é um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática. Toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos”. (p.174).

A responder a problemática do assunto é válido utilizar alguns instrumentos de pesquisa que podem ser usadas separadamente ou em conjunto para atender os objetivos da pesquisa e do universo a ser pesquisado. Assim sendo, foram utilizadas três técnicas: a observação, a entrevista e o questionário.

2.3.1. Observação

A Observação, de acordo com Lakatos e Marconi (2003), “é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar.” (p.190).

Vale ressaltar que, em “uma observação científica, mais de uma modalidade pode ser utilizada dependendo das circunstâncias.” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.192). Nessa pesquisa, foi empregada as que se adequam ao objetivo da pesquisa quanto aos **meios utilizados** e a **participação do observador**.

Quanto aos meios utilizados, a observação foi **assistemática** ou **não-estruturada**, pois tem o intuito de “recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas. É mais empregada em estudos exploratórios e não tem planejamento e controle previamente elaborados.” (Ibidem, p.192).

Posterior aos meios utilizados, é de suma importância escolher o meio de participação do observador na pesquisa. Nessa perspectiva, foi pertinente a utilização da **observação participante**, visto que “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste.” (Ibidem, p.194).

2.3.2. Entrevista

Outra técnica ou instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista que visa, segundo Lakatos e Marconi (2003), a “obtenção de informações de um entrevistado, sobre determinado assunto ou problema”. (p.19). Além disso, “é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.195).

Para cada pesquisa há uma determinada técnica de entrevista, a que melhor se adequa, quanto aos estudos do Bajubá, é a entrevista não estruturada.

Uma rica oportunidade de realização de entrevista pode ser aquela apoiada por um roteiro de conversa, que é uma entrevista não estruturada. Nesse tipo de entrevista, o roteiro de conversa é um guia para que o pesquisador e os entrevistados dialoguem, podendo também haver a possibilidade de adição de novas questões para que se possa compreender melhor determinado tópico. (MARTINS, 2013, p.34).

Esse tipo de entrevista apresenta algumas modalidades, que indicam e caracterizam como ela vai proceder. Diante disso, o presente estudo realizou a coleta de informações através da modalidade *Focalizada*, pois nessa categoria “há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal.” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.197).

É possível inferir, a partir desse pressuposto, que além de formas de obtenção de dados primários, a entrevista e a observação são técnicas que não trabalham isoladamente, ou seja, o pesquisador precisa ficar atento às expressões utilizadas pelo entrevistado, pois há uma grande probabilidade deste mostrar ou falar aquilo que o mesmo acredita que o entrevistador quer ouvir. Daí a razão pelo qual ambas caminham juntas para que se ocorrer a simulação de palavras ou conceitos que não são utilizados no cotidiano do sujeito, durante a entrevista, sejam percebidas. É por esta situação que nem tudo deve ser entendido como verdade, mas pode e deve ser analisado frente aos demais discursos e procedimentos que embasam a pesquisa.

2.3.3. Questionário

Lakatos e Marconi (2003) define questionário como “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. (p. 201).

Para a formulação do questionário, optamos pelas **questões abertas** - uma vez que apresenta-se a pergunta e deixa-se um espaço em branco para que a pessoa escreva sua resposta sem qualquer restrição.

2.4. Procedimentos De Análises De Dados

Em uma pesquisa de abordagem qualitativa, muitas são as técnicas de coleta de dados usadas nas várias áreas do conhecimento. Para início de estudo sobre determinado ambiente e grupo social, uma boa parcela dos pesquisadores optam por coletar os dados por meio da observação, tendo em vista ser métodos aplicáveis para a apreensão de comportamentos e acontecimentos no momento em que eles se produzem, sem a interferência de documentos ou pessoas.

Assim, a primeira técnica utilizada na pesquisa foi a observação dos indivíduos, com o propósito de conhecer quem são os falantes do Bajubá e em que ambiente essa linguagem é falada.

Por se tratar de uma linguagem, especificamente, do segmento LGBT, na primeira técnica de coleta de dados, visitamos os ambientes comuns a essa comunidade como: a Federação Amapaense LGBT e a Universidade Federal do Amapá. Entendemos que a partir dessa observação dentro do cenário, atentando aos detalhes, foi possível compreender e analisar o comportamento e as atitudes desse grupo social, além de nos permitir uma familiarização com o ambiente e um conhecimento maior dos participantes, bem como um realismo da situação estudada.

Objetivando extrair esclarecimentos mais aprofundados a respeito do Bajubá, consideramos necessário que as pesquisadoras, além da observação e da aplicação de questionários, tivesse um contato e um diálogo mais direto com os falantes do objeto de estudo. Por essa razão, a entrevista foi escolhida como um dos instrumentos de coleta de dados, em virtude dessa ser um mecanismo capaz de proporcionar uma aproximação com os sujeitos que utilizam o Bajubá e, principalmente, a obtenção de informações detalhadas a respeito dessa prática discursiva.

Inicialmente, foram feitas algumas perguntas pessoais básicas aos entrevistados, através de questionários, no entanto vale ressaltar que, nesse procedimento, não foi relevante identificar os nomes dos participantes para evitar que, por medo da revelação de sua identidade, eles retessem alguns dados. O enfoque das perguntas pretendeu apenas obter respostas sobre a classe social, religião, orientação sexual e identidade de gênero dos indivíduos. Essas informações foram necessárias para a percepção de quais os principais contextos sociais em que os falantes do Bajubá estão inseridos e em qual essa linguagem predomina.

O segundo ponto relevante para pesquisa visou adquirir, por meio de entrevistas e observações, esclarecimentos sobre os lugares e as pessoas com quem os falantes normalmente interagem utilizando Bajubá. Outro questionamento importante que buscamos responder foi sobre a reação das pessoas ao ouvirem a linguagem e a possível existência de preconceito contra ela. Além disso, tenta-se averiguar a frequência com que os indivíduos entrevistados utilizam a linguagem e quais os termos mais comuns proferidos no cotidiano deles. E por fim, foram feitas perguntas relacionadas à afinidade do segmento LGBT com o Bajubá e a identificação

deles com os termos e com os grupos que a utilizam frequentemente como forma de afirmação de sua orientação sexual e identidade de gênero.

As entrevistas foram executadas com pessoas de diversos contextos sociais, culturais e econômicos, com a intenção de extrair relatos que expliquem a relação do Bajubá com o segmento LGBT e a sua importância como instrumento comunicativo dentro e fora deste.

As perguntas foram livres, dependeram da trajetória que a entrevista tomou e da disponibilidade dos participantes, porém elas sempre estiveram de acordo com os tópicos selecionados e dentro da temática da pesquisa. Coube as entrevistadoras, no decorrer da conversa, observar as indagações pertinentes para cada situação e indivíduo entrevistado.

E por último, utilizamos o questionário que decorreu de uma série de perguntas lógicas e ordenadas que foram respondidas pelo questionado. Nele continham perguntas pessoais, perguntas relacionadas à utilização e o que compreende sobre bajubá. O questionário iniciou com perguntas gerais chegando de maneira sucinta a perguntas de caráter específico e apresentou questões abertas. Ao ser produzido, as perguntas do questionário foram devidamente reavaliadas para que estivessem de acordo com objetivos específicos da pesquisa.

Seu objetivo foi proporcionar uma análise sobre o nível de informação que as pessoas têm sobre a linguagem, a utilização e sua significativa importância no meio social através dos dados obtidos.

Na elaboração do questionário, priorizou-se o uso de perguntas abertas sendo que foram selecionadas 10 questões para a realização do procedimento. Por se tratar de perguntas com respostas curtas, acredita-se que não será difícil de analisá-las.

Nas duas últimas técnicas de pesquisa, principalmente na elaboração do questionário, foram tomados alguns cuidados quanto a utilização de uma linguagem clara, de fácil entendimento, com termos de conhecimento dos falantes do Bajubá.

Empregados os três instrumentos – observação, entrevista e questionário – para coletar os dados da pesquisa, iniciamos as análises dos fragmentos de discursos, trechos de entrevistas, expressões recorrentes e significativas, bem como registros de práticas da comunidade estudada, tendo em vista que são através desses indicadores que se constrói hipóteses e reflexões, como também surgem dúvidas e convicções a respeito do Bajubá.

3. CAPÍTULO III - ANÁLISES DE DADOS

Os dados da pesquisa foram coletados, a princípio, através de questionários com perguntas básicas a respeito do tema e, logo após, os participantes foram submetidos a entrevistas e observações. A escolha dessas técnicas está relacionada ao fato de que “os estudos de campo tendem a utilizar variadas técnicas de coleta de dados. Daí porque, nesse tipo de pesquisa, os procedimentos de análise costumam ser predominantemente qualitativos.” (GIL, 2002, p.133). O objetivo principal foi adquirir informações mais aprofundadas e ao mesmo tempo observar o comportamento e o discurso dos entrevistados.

As entrevistas foram feitas pessoalmente, gravadas e registradas. A primeira parte com estudantes e um técnico da Universidade Federal do Amapá e a segunda com integrantes da Federação Amapaense de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – FALGBT⁶.

Para melhor compreensão da pesquisa, as entrevistas foram gravadas e transcritas, sendo que as falas das pesquisadoras e dos entrevistados foram marcadas, respectivamente, pelas letras “P” e “E”. Devido às entrevistas serem informais, mantiveram-se os termos e as formas proferidas pelos entrevistados, assim como se evitou corrigir desvios gramaticais, com intuito de manter a integridade das opiniões registradas. A partir disso, serão feitos comentários e observações sobre as respostas mais relevantes para as análises, a fim de interpretar os dados coletados, fazer uma análise qualitativa e um levantamento dos trechos nos quais os informantes falam sobre conhecimento, influência sociocultural, identificação e utilização do Bajubá na comunidade LGBT.

Apresentamos abaixo um quadro com a totalidade das gravações realizadas durante a coleta de dados, explicitando data, local, participantes e duração.

⁶ Uma entidade de abrangência Estadual, fundada em 2011, máxima representação da classe LGBT no Estado, que tem como objetivo a defesa e promoção da cidadania desse segmento populacional, tendo o compromisso com a comunidade LGBT na construção de políticas afirmativas, que primem pela garantia das liberdades fundamentais, estabelecidos em um Estado em que a democracia seja plenamente vivenciada para todos, cidadãs e cidadãos, com identidade de gênero independente da qual foi designada em nascimento, defendendo sobretudo, a plena equiparação de direitos, de modo que a homofobia seja criminalizada e transgêneros possam utilizar seu nome social de forma digna, respeitando, assim, sua cidadania em todos os espaços dos quais estão presentes (Dados da Federação, 2016).

TABELA 01 – Participantes da Pesquisa

Total	DATA	LOCAL	PARTICIPANTES ⁷	DURAÇÃO
1	14/03/2016	Ministério Público Estadual do Amapá	Pedro	00:13:28
2	14/03/2016	Praça do Coco	Paola	00:10:37
3	14/03/2016	Praça do Coco	Aquiles	00:05:02
4	14/03/2016	Praça do Coco	Teo	00:04:42
5	14/03/2016	Praça do Coco	Renato	00:03:10
6	14/03/2016	Praça do Coco	Felix	00:04:03
7	14/03/2016	UNIFAP	Virginus	00:07:01
8			Daniel	
9	14/03/2016	UNIFAP	Carlos	00:13:00
10	14/03/2016	UNIFAP	Alexandre	00:07:15

Fonte: Pesquisa de Campo, 2016.

É relevante salientar que em todas as entrevistas nos apresentamos como acadêmicas em processo de conclusão de curso, na qual a pesquisa está direcionada ao TCC e nosso intuito é colher dados a respeito do Bajubá por pessoas que utilizam e/ou se identificam com essa linguagem. As pesquisadoras seguem um roteiro de entrevista em que a posição pode ser mudada, bem como a inserção de novas perguntas conforme o andamento das respostas dos entrevistados.

O procedimento de análise das entrevistas se darão de acordo com o desdobramentos das respostas, haja vista que algumas por serem um pouco longas, precisam de uma análise mais detalhada e menos enfadonhas. Desse modo,

Uma das primeiras entrevistadas foi Paola de 21 anos, não possui religião, afirmando ter somente “fé em Deus”, sua identidade de gênero é travesti, integrante da Federação Amapaense de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (FALGBT), diz se identificar bastante com o Bajubá por ser uma linguagem mais fácil de se comunicar, já utiliza há 6 anos, frequentemente, com as amigas na noite e conheceu a linguagem através de amigos gays e amigas travestis.

A entrevista foi realizada no dia 14 de Março de 2016 e aconteceu após a III Conferência Estadual de Direitos Humanos (DH), no Ministério Público Estadual e fomos direcionadas à Praça do Coco, local que boa parte do grupo se deslocou para conversar e relaxar, uma vez que a conferência foi nos turnos matutino e vespertino. A duração da entrevista foi exatamente 10 minutos e 37 segundos. O primeiro fragmento mostra o início da interação⁸ entre a pesquisadora com a entrevistada.

⁷ O anonimato dos participantes foram preservados por questões éticas, utilizamos nomes fictícios aleatórios aos entrevistados.

⁸ Na interação dos entrevistados, alguns símbolos de descrição serão utilizados, tais como:

...: pausa;

:::: alongamento da sílaba

(): comentários das analistas

MAIÚSCULA: sílaba ou palavra fortemente pronunciada

P: Com que frequência você utiliza o bajubá?

E: Pra falar com minhas amigas trans, no ponto da esquina assim... é uma língua assim de código, eu acho, tipo assim, quando eu quero falar alguma coisa pra elas definirem pras outras pessoas não “catar” né? Aí eu falo, né? “Cata, mana o ocó”.

P: Você utiliza no seu dia a dia, pouco, muito?

E: Ah... eu utilizo muito, né? Que eu sou toda frescalhada, gosto de falar todo tempo, todo tempo gosto de tá falando, ainda mais quando tô com guei, mana, que os gueis só sabem se comunicar nessa linguagem.

Por ser tratar de uma pergunta localizada no início da entrevista, é possível perceber, através de umas das técnicas de pesquisa, a observação, Paola meio apreensiva com as perguntas, tanto é que a entrevistada responde com quem ela utiliza o bajubá e em quais lugares, afirmando ser uma linguagem de código “é *uma língua assim de código, eu acho, tipo assim, quando eu quero falar alguma coisa pra elas definirem pras outras pessoas não “catar”⁹ né?*”, dando exemplo da comunicação com suas amigas *trans* “Cata, mana o ocó” (“cata”: olha, “mana”: amiga, “ocó”: homem). Desse modo, nos dizeres de Oliveira:

Os gays viram no caráter fechado da língua yorùbá, não apenas uma forma livre de acesso ao divino (comumente negada em outras vertentes religiosas), mas também, através da adaptação semântica, uma forma de comunicação em código que lhes permite falar sem serem entendidos. (OLIVEIRA 2013, p.11).

Oliveira vem ratificar o que Paola comentou, de maneira informal e utilizando o Bajubá, na entrevista sobre a linguagem “*pras outras pessoas não “catar” né?*”, decodificando o enunciado, o “catar”, nesse contexto é entender, logo, o segmento pode utilizar o “código” livremente, pois não serão compreendidos.

No decorrer da entrevista, já é possível perceber que o procedimento flui tranquilamente e a entrevistada responde com segurança.

P: Você percebe algum tipo de preconceito ao utilizar o Bajubá?

E: Alguns, tem alguns héteros sim que... acham que é frescura, boiologem, não respeitam a língua bajubá porque acham que isso é uma boiologem, uma

? : entoação ascendente, como de pergunta

⁹ No glossário, apresentado após as referências, estão listados os principais termos em Bajubá extraídos das gravações das entrevistas.

frescura, aí eu já... manero, né? Tem lugares que a gente temo que... falar igual gente, né?

Paola relata o preconceito que uma parcela de heterossexuais tem com a linguagem “*alguns, tem alguns héteros sim que... acham que é frescura, boiolagem, não respeitam a língua bajubá*”. Isso evidencia que, historicamente, além de não respeitar a livre orientação sexual - qual perpassa por um processo de descobertas individuais em que se é livre para exercer a sexualidade seja esta homossexual, bissexual ou ainda o direito de exercer a identidade de gênero independente de qual foi designada em nascimento - o segmento LGBT ainda sofre preconceito em suas práticas discursivas, pois, no fragmento retirado da entrevista, são utilizados termos pejorativos ao se referir a linguagem: “*acham que é frescura, boiolagem*” .

O que chama a atenção nos excertos é que a entrevistada, de uma certa forma, aceita essa “imposição” dada a linguagem e, nesse contexto, diz utilizar com pouca frequência “*aí eu já... manero, né?*”. De maneira mais abrangente, percebemos que não se trata somente de uma imposição, mas de uma ordem do discurso que se coloca à situação, pois na definição de Fairclough (2001) sobre ordem do discurso, ele introduz que é uma estruturação social, uma ordenação social particular de relações de sentido e entre sentidos e modos de construir sentidos seja eles estabelecidos/estabilizados ou que desestabiliza outros sentidos. Mais adiante a entrevistada fala: “*tem lugares que a gente temo que... falar igual gente, né?*”. Acredita-se que esse “*falar igual gente*” seja falar de acordo com o ambiente e o contexto a qual o indivíduo está inserido no momento. Esse fato ocorrido com a entrevistada pode ser explicado com base nas concepções de Foucault.

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1999, p. 8-9)

Questionada sobre a origem do bajubá, o ambiente e a conversa torna-se descontraída.

P: Sabe a origem do Bajubá? Por que a comunidade LGBT adotou o bajubá?

E: Olha a história... eu sei uma história que o bajubá, que surgiu uma história que o bajubá foi o Jô, né? Acho que foi ele...

((Pesquisadora faz um resumo do surgimento da linguagem))

E: Muito interessante isso... eu faço parte da Umbanda, eu faço parte frequente, eu que é um... eles utilizam muito mesmo algumas linguagens diferenciadas... mas hoje, a maioria do povo sabe o que é o bajubá, eu falo uma coisa... "GUÁ", eu não sei o que eles identificam "Guá" porque às vezes passam guei e "guá". Muita gente usa um significado ofensivo, porque quando ver um guei "guá"... a:::i, eu não suporto isso, quando eu vou passando e me chamam de "guá", eu volto na hora e pergunto o significado, né? Por que você tá me chamando de "guá"? Você tá me chamando de "perereca"? "Quaquá"? Porque é assim, né?

Nota-se que a entrevistada diz no primeiro momento não saber a origem do bajubá, depois de maneira duvidosa menciona o apresentador Jô Soares, então a pesquisadora comenta um pouco de como surgiu a linguagem de acordo com que foi pesquisado durante o levantamento bibliográfico e construção do referencial teórico e, ao falar das religiões de matrizes africanas, a entrevistada comenta: *"eu faço parte da Umbanda, eu faço parte frequente, eu que é um... eles utilizam muito mesmo algumas linguagens diferenciadas"*. Essas linguagens diferentes que Paola fala, são justamente as que deram origem ao bajubá. No questionário, Paola colocou na religião somente "Fé em Deus" e não mencionou a Umbanda por não ser praticante, pois frequenta esporadicamente.

Hoje, como Paola menciona, muitas pessoas conhecem o Bajubá *"mas hoje, a maioria do povo sabe o que é o bajubá"*, porém uma parcela utiliza de forma ofensiva *"muita gente usa um significado ofensivo"* ao próprio grupo social, o que deixou a entrevistada com um semblante triste e ao mesmo tempo uma indignação em não aceitar tal termo que pode estar sendo empregado de forma ofensiva, o que provoca um questionamento em Paola: *"por que você tá me chamando de "guá"? Você tá me chamando de "perereca"? "Quaquá"?"*

Por haver, no caso de Paola, um preconceito com a linguagem busca-se entender a reação das pessoas que não estão inseridas na conversa ao presenciar as práticas discursivas do grupo.

P: Qual a reação das pessoas ao ouvirem a linguagem?

E: Elas... elas ficam assim olhando, querem... saber, né? Elas não tenham uma identificação do que a gente tava falando, né? Tens umas que perguntam é o... tem muitas amigas minhas que quando eu falo o bajubá perguntam: o que foi que você falou? O que significa essa palavra? Às vezes

eu esclareço, muitas vezes eu falo que não pode esclarecer porque é uma linguagem de viado. Antes, muitas antes quando eu aprendi o bajubá era só no meio de gueis, lésbicas, travestis, hoje não, hoje ele já tá extenso, todos falam, né? Logo no começo, que eu comecei o bajubá, eu até quando eu conheci o bajubá sendo guei, eu ficava assim querendo saber porque eu via os meus amigos gueis falando e eu... o que é isso? O que é isso?

Pelo depoimento de Paola, é perceptível que ao utilizar o bajubá, muitas pessoas ao seu redor não entendem, há uma certa curiosidade, tanto é que ela é indagada, sendo que em alguns momentos ela esclarece, tira as dúvidas das pessoas, porém em outros momentos, ela prefere não falar por se tratar de uma linguagem do universo LGBT “às vezes eu esclareço, muitas vezes eu falo que não pode esclarecer porque é uma linguagem de viado”, ou seja, às vezes é necessário que só o grupo saiba por ser uma mensagem direcionada a eles, além disso, assim como as identidades são tomadas como dadas e não marcadas, a “linguagem de viado” é dada como uma ordem do discurso que se estabiliza e designa um efeito de sentido tanto à linguagem quanto a identidade. Entretanto vale ressaltar que essa linguagem tomou uma proporção significativa que já circula nas práticas discursivas dos heterossexuais, não com toda propriedade dos significados, mas uma boa parcela é falada e compreendida.

Ao final da entrevista, pedimos à Paola que narrasse um texto ou uma situação em bajubá.

E: Musa é o modo de... é o bajubá que a gente... que muito a gente inventa, né?

“Musa, cata aquele “ocó” “alaisseme”... mana, mas é uma pele o “ocó”, né? Não... mas cata” Catar é olhar, catitar e assim vai.

Muitos termos vieram de línguas de matrizes africanas, outros foram se adequando ao português brasileiro e, conseqüentemente, sendo transformados pelo segmento LGBT como a própria entrevistada comenta e só compreende quem é pertencente ou de alguma forma tem contato com esse grupo, porque do contrário seria muito difícil compreender que “*Musa, cata aquele ocó alaissime... mana, mas é uma pele o ocó, né? Não... mas cata*” trata-se de “amiga, olha aquele homem/rapaz ali. Amiga, mais é muito lindo o homem/rapaz, não é? Não... mas olha”

TABELA 02 – Palavras de Origens Africanas

LÍNGUAS AFRICANAS	SIGNIFICADO
Amapô (Mapô)	Mulher
Alibã	Polícia
Aque (Aqüé)	Dinheiro
Equê	Mentira
Erê	Criança
Matin (Mati/Matim)	Pequeno
Neca	Orgão genital masculino
Nena	Fezes
Ocó	Homem
Odara	Grande, bonito
Orí	Cabeça

Fonte: *Pequeno Dicionário de Yorubá x Português e Pequeno Dicionário de Yorubá*¹⁰.

Uma situação ocorre no término da entrevista, Paola avista uma rapaz bonito passando pela rua e fica admirando-o, a pesquisadora fala:

P: A senhora é muito catadora (rsrs)

E: Pen::cas... sou muito mafiosa... “Pencas” também é bajubá MUITO, “erê” “fazer a linha criança esperança”, “catitar o erê”, “catitar a neca”, “Mati” “odara” GRANDE PEQUENO, mati é pequeno, odara é grande, “Cata o “ocó” tem uma “neca odara”, o “ocó” tem uma “neca’ grande, ahh é uma “neca mati”, mana, o “ocó” tem uma “neca” pequena.

P: Quais os termos que você mais utiliza? Quais os significados?

E: “Acué”, “ocó”, “cata”, “doce”...

P: O que é doce?

E: “Doce” é tipo assim... Algo que não seja bom, uma definição assim que eu posso te dar... “Mana, o “ocó” não me deu um “doooce”? Me deu um “coió”...

P: O que é “acue”?

E: ‘Acué’ é dinheiro. “Pegou o ‘acué’, “musa”?” dinheiro. “Ocó” é “bofe”, homem. “Mapô”, eu utilizo mais pela minhas amigas, eu chamo de “mapô”: mulher, rachada, buceta, “mapô”.

Percebamos que ao mesmo tempo que a entrevistada fala os termos que mais utiliza, ela não só dá o significado da palavra, como também constrói enunciados para melhor exemplificar e permitir, às pesquisadoras, uma possível compreensão/interpretação dos termos utilizados.

¹⁰ Disponíveis em: <<http://www.templodovaledosoledalua.org.br/artigos-e-textos/pequeno-dicionario-yoruba-x-portugues/>> <<http://www.ilhador.xpg.com.br/yoruba.html>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

Finalizada a entrevista de Paola, iniciamos o diálogo com Pedro de 29 anos, frequentador de religiões de matrizes africanas, sua orientação sexual é homossexual, é o presidente da Federação Amapaense de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (FALGBT), cursa Filosofia na Universidade Estadual do Amapá (UEAP), diz se identificar com o Bajubá por ser *gay*, utiliza a linguagem desde os seus 17 anos em todos os lugares, afirma utilizar o Bajubá como forma de resistência e aprendeu convivendo com as transexuais, as travestis¹¹ e os *gays*.

A entrevista foi realizada no dia 14 de Março de 2016, no intervalo da III Conferência Estadual de Direitos Humanos, no Ministério Público Estadual. Sendo a entrevista mais longa, com duração de exatamente 13 minutos e 28 segundos.

Pedro nos encaminha a uma sala para que possamos iniciar a entrevista longe de barulhos e interrupções, uma vez que ele estava em uma conferência e poderia haver mais pessoas que quisessem discutir sobre o andamento do regimento estadual dos direitos humanos ou simplesmente conversar assuntos aleatórios.

Após as devidas apresentações e esclarecimentos, iniciamos a entrevista com Pedro.

P: Qual o conhecimento que você tem do bajubá? Origem

E: Bastante, a origem do bajubá... ela surge de uma forma que num processo da ditadura pra que as pessoas não entendessem a linguagem que nós, LGBT's, utilizávamos naquele momento, até prum alto reconhecimento de nós mesmos dentro de um processo de reconhecimento num período que a sociedade vivenciava é o machismo, é... extremamente grande, numa sociedade ainda muito mais heterossexista da sociedade que a gente vive hoje, então ela surge nesse período pra que a gente pudesse se reconhecer, se falar e falar coisas que as outras pessoas não pudessem entender. Utilizo com muita frequência, com todo mundo, na faculdade, na reunião com o governo, como os secretários, em casa eu utilizo muito o bajubá, algumas expressões, tipo: "acué" que é dinheiro, é é é... aí gente fala por exemplo do "boy" que é o homem, "amapô" que é mulher, a "neca" que é o pênis do boy, se a "neca" é boa, se a "neca" não é, se é grande ou se não é, se utiliza "mati" ou "odara", né? Então a gente utiliza em diversas questões e

¹¹ De acordo com Borba (2008) o uso feminino gramatical ao referir-se às travestis, além de um posicionamento político, essa escolha converge com o uso feito por travestis nas mais diferentes localidades do Brasil na tentativa de construir sua identidade discursiva de acordo com sua performance de gênero (BUTLER, 2003).

eu utilizo, utilizo assim e sai muito naturalmente, e as vezes as pessoas me perguntam o que é, né? Então acaba aprendendo também o bajubá.

Pedro é uma pessoa bem comunicativa, muito seguro em suas colocações, fala sobre a origem “*ela surge de uma forma que num processo da ditadura pra que as pessoas não entendessem a linguagem que nós, LGBT, utilizávamos naquele momento*”, compreende-se que a linguagem na época da ditadura era uma símbolo de resistência, partindo dessa análise, Foucault (2001 *apud* CRISCIO; CARVALHO; BURANI, 2009, p. 12), fala que “para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que como ele, venha de baixo e se distribua estrategicamente” (p.38). Oliveira contribui ainda:

Como os negros, os gays também têm uma história de resistência aos poderes controladores em relação às normas pautadas pelos padrões europeus, católicos e heterossexuais e tiveram que adotar estratégias de melhor convivência com o resto da sociedade e até mesmo de sobrevivência. Com a língua não poderia ser diferente e assim, num campo em que os dois segmentos (negros e gays) se unem pelos laços históricos da resistência ao preconceito, a interação linguística não parece ser um fenômeno que cause surpresa. (OLIVEIRA, 2013, p.6)

E o bajubá - linguagem criada como meio de proteção de um segmento vulnerável - vem ratificar essa concepção de resistência que Foucault e Oliveira pregam.

O entrevistado menciona também que a linguagem ultrapassa seu grupo social. É possível constatar no excerto: “*utilizo com muita frequência, com todo mundo, na faculdade, na reunião com o governo, como os secretários, em casa eu utilizo muito o bajubá*” que o bajubá imbrica novos saberes e experiências com quem convive ou não com o indivíduo/grupo, já que ao participar de enunciados dialógicos, o interlocutor passa a ter contato diretamente com a linguagem.

Ao utilizar a linguagem com frequência, pode-se inferir que haja preconceito em algumas situações fora do convívio social do indivíduo ou do grupo, porém Pedro afirma não haver tal preconceito.

P: Você percebe algum tipo de preconceito

E: Não, não... eu percebo muita curiosidade por não compreenderem o que estão falando, mas preconceito preconceito, não e a sociedade em si já utiliza algumas falas da própria linguagem, né? E as vezes nem sabendo o próprio significado, que se trata do bajubá, de como surgiu, que uma linguagem

específica da população guei, então a população ela já usa, né? Por exemplo "boy", boy é muito nosso, e a sociedade fala, "mapô" mapô é muito nosso e a sociedade fala, né? É é é... e tem algumas outras que as pessoas não usam, por exemplo, "talibã", talibã é polícia, né? Talibã quem fala muito é a gente, então as pessoas elas não conseguem entender alguma das nossas linguagem, né, das expressões que a gente utiliza e ainda acaba entrando... a sociedade é... ainda usa, mas não conhece o seu fundamento o que fala. É de curiosidade pra querer saber o que significa, mas discriminados... hum::: não... é uma linguagem de guei... é só de curiosidade, alguns têm coragem de perguntar, outros não.

Segundo Tamires, Monique Thaisa (2009), em seu trabalho intitulado "Linguagem de Tribos", as autoras afirmam:

Dependendo do grau de isolamento, da idade no grupo e até do contraste entre valores dele e os do restante da sociedade, o vocabulário comum pode se distanciar de língua já utilizada por seus integrantes, chegando-se ao ponto em que o uso de certas palavras torna o discurso incompreensível para quem não faz parte da comunidade (CRISCIO; CARVALHO; BURANI, 2009, p. 02)

Partindo dessa concepção, o bajubá, ao incluir certos interlocutores, exclui outros que não o conhece, mostrando, desse modo, uma construção identitária social e linguística de determinado indivíduo ou grupo, haja vista que as identidades são construídas no discurso e nas relações dialógicas.

P: Você acha que o bajubá é utilizado só pelo segmento LGBT?

E: Não, não é só pela gente não, ela é utilizada particularmente pelas travestis e transexuais que estão nas ruas, né, no ponto de prostituição, elas são extremamente usadas por elas e elas são muito utilizadas pelas pessoas que estão no gueto, quando eu falo gueto estou falando dos gueis LGBT'S que estão à margem da sociedade, eles utilizam muito mais, a a a... se a gente, por exemplo, for conversar com um guei que é da elite, que tem uma condição financeira melhor histórica, ele não vai conhecer o bajubá porque não é do meio dele, então o bajubá é uma linguagem muito urbana e particularmente da noite, então, né, a gente acaba é é é... entendendo essa linguagem pra quem convive com essas pessoas na noite. Algumas são mais populares, como "cheque" é é é... "chuca" algumas questões são muito nossa, aaaaá...

a grande maioria da sociedade da população guei não conhece por não conviver com essa população que tá no gueto, que tá à margem da sociedade

Assim como Paola, Pedro também fala que a linguagem não é utilizada só pelo segmento LGBT “*não é só pela gente não*”, argumenta ainda que particularmente quem mais utiliza o bajubá são as travestis e transexuais, assim como os *gays do “gueto”*. É possível verificar nas falas do entrevistado que existe uma subdivisão socioeconômica dos falantes da linguagem “*se a gente, por exemplo, for conversar com um guei que é da elite, que tem uma condição financeira melhor histórica, ele não vai conhecer o bajubá porque não é do meio dele*”. Desse modo, não tem identificação com a linguagem, pois, segundo Moita Lopes (2002), a noção de [re]construção identitária se dá através da interação discursiva, ou seja, o que somos, nossas identidades sociais, portanto, são construídas através de nossas práticas discursivas com outro: “as pessoas têm suas identidades construídas de acordo com o modo através do qual se vinculam a um discurso – no seu próprio e nos discursos dos outros”. (SHOTTER & GERGEN, 1989: *apud* MOITA LOPES, 2002, p. 306)

P: Quais os termos que você mais utiliza?

E: “Acué” que é dinheiro, eu utilizo quando eu falo muito de homens “boys”, eu falo muito dessas questões é... “talibã” termos mais frequentes, é muito difícil eu utilizar “mapô”, muito difícil eu utilizar “mapô”, muito difícil, mas á á... os mais frequente é “boy magia”, né? Mas assim... esses são os mais frequentes.

P: Narre um texto em bajubá

“A mala do boy é boa” (risos)

“Nós, para construir a política pública LGBT precisamos de muito acue, de muito acue pra construir a política pública precisa de muito acue mesmo, principalmente nos direitos humanos porque a gente percebe que o Estado ele só consegue perceber sua prioridade quando ele coloca “acue”, dinheiro, banco, tutu, né? Se não tiver axé... se não tiver acue, não tem axé, então a gente precisa que Estado faça isso, coloque mais acue na política pública Direitos Humanos da população LGBT pra incluir essa população no dia dia na política da ordem, da educação, saúde, da segurança pública porque senão a gente não consegue, sem “acue”, não tem axé”

Após falar os termos mais frequentes, Pedro, como uma forma descontraída fala “*a mala do boy é boa*” quando lhe foi solicitado que narrasse um pequeno texto

em bajubá. O termo que ele utiliza muito é “*aque*” e seu discurso é totalmente voltado às políticas públicas de Direitos Humanos do segmento LGBT. Diferente de Paola, percebe-se que o texto não é muito carregado de termos em bajubá, porém não significa que esperávamos o contrário, pois sabemos que têm pessoas no segmento LGBT que não utilizam, alguns usam pouco e outros que têm o hábito e já faz parte das interações dialógicas a todo momento.

Mais um integrante da Federação Amapaense dos LGBT foi entrevistado e será, por nós, identificado como Felix com a idade de 20 anos, referiu-se como gay e conhecedor da linguagem bajubá, relatou em suas respostas, no questionário, que passou a utilizar a linguagem por ser “*comum, cômico e fácil*”, acrescentou ainda que costuma utilizá-la com amigos em socializações. O procedimento da entrevista, que durou 4 minutos e 3 segundos, decorreu de perguntas abertas e diretas.

P: Você utiliza o bajubá no seu dia a dia? Com que frequência?

E: Utilizo. Não utilizo com muita frequência não, utilizo mais na rodinha de amigos, brincando, tirando sarro com a cara do outro.

P: Então o ambiente em que você utiliza é só entre amigos?

E: É, basicamente.

P: Quando você reúne mesmo com os amigos, né?

E: Uhum!

No excerto, Felix, embora saiba muito termos do bajubá, revela que utiliza tais termos, porém não com muita frequência, somente em ambientes onde seus amigos estejam e destaca ser é uma forma de descontração “*utilizo mais na rodinha de amigos, brincando, tirando sarro com a cara do outro.*”

P: Você percebe algum tipo de preconceito quando tu utiliza a linguagem LGBT?

E: Eu acho que sim, eu percebo quando a gente solta um “mana” todo mundo já olha

P: Quem tu acha que são essas pessoas?

E: Acho que as pessoas mais antigas que tiveram aquela criação mais conservadora.

P: Então tu acha que rola um preconceito com quem utiliza o bajubá?

E: Acho, até porque as pessoas que utilizam o bajubá são mais vistas como gays, entendeu? Tipo as afeminadas, as trans, “as gays”, tipo, não que seja errada, eu adoro miscigenação LGBT, é maravilhosa, tipo desde a “*поцпос*”

até as “enrustidas”, no armário, trans, gay, afeminada, masculino, é maravilhoso, mas eu acho que as afeminadas usam mais, entendeu? Mas aí chama atenção pra elas entendeu?

P: Tu acha que o bajubá é apenas utilizado pelos LGBT?

E: Não, eu acho que hoje em dia muita gente já utiliza o bajubá, até porque não sei se eles têm noção do que é o bajubá, no caso, o palavreado já se tornou mais gírias e tudo mais.

O participante menciona que a utilização gera preconceitos por muitos que ouvem o bajubá, principalmente por pessoas que tiveram uma criação conservadora, pautada na heterormatividade, tendo em vista que, segundo o entrevistado, quem utiliza mais são “*as afeminadas*”, logo atraem olhares diferentes de quem está por perto. Ainda nesse fragmento da entrevista, é possível verificar a reafirmação de que o bajubá não é utilizado pelo segmento LGBT.

Seguindo o roteiro da entrevista, indagado sobre origem do bajubá, Felix, assim como muitos, desconhece o surgimento, sua história representativa para os LGBT traçada em meio a lutas contra opressões e discriminações. Mesmo conhecendo muitos termos, utiliza pouco e, como já mencionado, entre amigos.

P: Tu sabe falar a origem do bajubá?

E: Nunca ouvi falar, não tive essa aula de história (risos)

P: Então tu utiliza pouco?

E: Utilizo pouco.

Um acontecimento interessante ocorre quando o entrevistado responde as seguintes perguntas do questionário: “*Você se identifica com essa linguagem? Por quê?*”, Felix fala: “*Não, uso alguns termos, mas não falo direto*”. Com esse fato, resolvemos refazer as perguntas em busca de mais esclarecimentos e o entrevistado volta a reafirmar sua resposta balançando a cabeça negativamente

P: Você se identifica com essa linguagem?

E: eu falo, tipo, mas não identifico com a minha linguagem.

P: Não é uma linguagem de identificação pra ti?

E: Não, nada contra com quem se identifique

Um dos nossos objetivos é analisar o bajubá como característica representativa na identidade LGBT. Dessa forma, é comprovada que não são todos do universo

LGBT que se identificam com a linguagem a ponto de reafirmar esse conceito sobre si. Moita Lopes (2002) compreende que a identidade é o resultado do processo de identificação, portanto, é algo que se constrói. Essa ideia é sustentada quando o entrevistado ratifica que usa alguns termos como prática discursiva, mas não com frequência e que sua socialização é apenas com amigos e começa a falar sem perceber, pois utilizarem entre eles com muita frequência.

A entrevista seguinte, que teve duração 6 minutos e 33 segundos, juntamente com e o questionário foram aplicados na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) por ser o ambiente acadêmico do entrevistado que identificamos como Carlos. O participante respondeu todas as perguntas do questionário de forma precisa e direta, denota que possui 19 anos e é homossexual, conheceu o Bajubá na convivência com a comunidade LGBT e a utiliza desde que assumiu sua orientação sexual, há cinco anos. Costuma utilizar com amigos e em todo lugar, pois, segundo ele “*têm coisas que devem ser faladas sem que outras pessoas ao redor entendam*”, essa ideia é fielmente representada por Oliveira (2001) ao dizer que é uma forma de comunicação lançada por meio de código a fim de proporcionar uma comunicação restrita e sem que aqueles que reprimem os LGBT a compreenda, tornando assim, a convivência social mais estável.

P: Você utiliza o bajubá no seu dia-a-dia?

E: Frequentemente

P: Qual o meio social que vocês utilizam?

E: Universidade, em casa, lugares fora da universidade também, os amigos que fazem parte do mesmo ciclo social que a maioria é gay. Então, a gente, eu pelo menos, utilizo em todo lugar praticamente.

No questionário, Carlos, fala que se identifica com a linguagem e complementa: “*me sinto incluído no meio social que estou*”, diz ainda que nunca sofreu nenhum tipo de preconceito por utilizar o Bajubá, mas identifica que causa um estranhamento por aqueles que desconhecem e que não fazem parte do universo LGBT. Durante sua entrevista disse ser conhecedor da origem do Bajubá e comenta: “*vem de origem iorubá que é uma língua de matriz africana que começou a ser utilizada pelos homossexuais*”, afirma que nunca buscou informações a fundo sobre o assunto e completa dizendo que o bajubá hoje está difundido e que outras pessoas também

utilizam essa linguagem. Nesse pressuposto, as respostas na entrevista afirmam as que foram preenchidas no questionário.

P: Você conhece um pouco da história, a origem do bajubá?

E: É, até onde eu sei, não me aprofundei no assunto ainda, mas o bajubá vem de origem iorubá que é uma língua de matriz africana que começou a ser utilizados pelos homossexuais devido a religião de matriz africana se frequentada por pessoas homossexuais e eles trouxeram consigo isso pra convivência fora da religião se espalhando a linguagem com outras pessoas.

P: Você utiliza o bajubá no seu dia-a-dia?

E: Frequentemente.

P: Qual o meio social que vocês utilizam?

E: Universidade, em casa, lugares fora da universidade também, os amigos que fazem parte do mesmo ciclo social que a maioria é gay. Então, a gente, eu pelo menos, utilizo em todo lugar praticamente.

P: Você percebe algum tipo de preconceito ao utilizar o bajubá?

E: Não senti ainda isso por parte das pessoas, mas há aquela questão de utilizar uma língua e as pessoas te olharem de outra forma porque tu, de certa forma elas não estão entendendo ali, então, é como eu vejo e como respondi no questionário, o bajubá é um meio de comunicação entre uma comunidade que de certa forma não quer deixar, não que que outras pessoas estejam em volta saibam.

P: Você acha que o bajubá é utilizado apenas pela comunidade LGBT?

E: É, eu vejo que o bajubá não é utilizado apenas por comunidade LGBT, por conta de muitos heterossexuais também saberem, por estar vinculado com a comunidade, então não é só a gente, não é só a comunidade LGBT.

P: Porque você utiliza o bajubá?

E: Porque eu me sinto à vontade, é uma forma de conversar com meus amigos que são gays também, LGBT no caso.

P: Tu acha que tem algum objetivo?

E: Não, pra mim não tem finalidade, são só outras palavras no vocabulário.

O entrevistado destacou em vários momentos a afinidade que apresenta com a linguagem e expõe a importância do bajubá em diversos momentos, bem como sua total identificação e autoafirmação ao ser lhe perguntado: “*você se identifica com a linguagem?*” Carlos: “*Sim, porque me representa, é uma autoafirmação da identidade e da comunidade LGBT também*”.

O entrevistado seguinte possui 23 anos e será apresentado pelo nome, Daniel, sua entrevista também foi realizada na UNIFAP (Universidade Federal do Amapá) e teve duração de 6 minutos e 27 segundos. Denomina-se *gay*, se diz conhecedor do Bajubá, usa, mas não se recorda o momento que passou a utilizar. No questionário, disse utilizar com os amigos e pessoas próximas e que a reproduz por ser uma maneira de comunicação. Foi questionado se supostamente identificava-se com a linguagem (Bajubá) e o porquê, então ele respondeu: “*sim, uma vez que representa de certa forma os LGBT, logo me representa também*”. Isso comprova a identificação com a linguagem, logo, com o grupo. De acordo com Moita Lopes (2002), a intolerância sobre as diferenças é o que gera a contrariedade no convívio social. Nesse sentido, podemos perceber a importância do “bajubá” para a comunidade LGBT, não só como expressão de sua cultura, mas, também, como um instrumento de luta contra o preconceito.

Um dos pontos importantes observados nesta pesquisa é quando o entrevistado responde o porquê dele utilizar e qual o objetivos desta linguagem, ele nos responde da seguinte maneira: “*ela me representa, é uma autoafirmação do indivíduo, eu acho que a partir do momento que o indivíduo se assume gay ele vai se encontrando*” e menciona ainda “*a universidade é lugar muito propício, né? Pra forma de comunicação, a gente é livre pra se comunicar e a universidade passa muito isso pra gente*”. Na entrevista realizada, Daniel respondeu confusamente perguntas feitas a ele, quando lhe é perguntado se conhece a origem do bajubá, logo afirmou que sim, introduz que era “*a mistura de uma linguagem de matriz africana né, com um pouco brasileiro, com um pouco do inglês também*”, em seguida apresenta ideias confusas, relata que a origem específica desconhece. Em outro momento lhe é perguntado se já sofreu algum tipo de preconceito ao utilizar a linguagem LGBT, respondeu que sim, mas não por pessoas de orientação oposto, por ele mencionado “*hétero*”, e sim entre o próprio grupo social “*há um preconceito sim acho que de um gay que tá falando Bajubá com outro gay e esse gay não sabe o bajubá*”, mencionou um dos momentos em que sofreu esse tipo de preconceito:

E: [...] semana passada teve um evento e foram falar “odara” e aí eu perguntei o que era, também que ele me viraram pra mim, hum, como é que, tipo, como se fosse algo inadmissível, entendeu? Ah tá, me explica a fórmula de báskara aí que eu quero saber então também. Tipo, tem que saber de tudo, saca?

Então acho também que, as vezes, o preconceito está dentro dos próprios gays, não das outras pessoas que não conhecem.

Conforme observado, o preconceito está inserido entre aqueles que se identificam com a linguagem (ou não) e fazem parte do universo LGBT, o preconceito ocorre pelo fato do Bajubá ser considerado a linguagem LGBT, logo, quem faz parte desse universo, tem, “obrigatoriamente”, que conhecê-la. O fato de se considerar LGBT não deve ser remetido ao que lhe é imposto, a identidade pessoal é o que determina se o indivíduo vai ou não agir de determinada maneira. Moita Lopes (2002, p.47) corrobora que “diferenças estão presentes no discurso” e isso afeta “o modo como as pessoas agem na sociedade” diz ainda que “os significados que construímos são ideológicos no sentido que incorporam visões particulares” (p. 94). Por fim, pedimos que Carlos e Daniel socializassem, de maneira dinâmica, um diálogo interpessoal utilizando palavras do bajubá com o objetivo de mostrar a maneira que utilizam a linguagem e possivelmente comprovar as suas identificações com ela por meio de suas práticas discursivas.

E1: “Inhain”, mana, tu “pegartes” o boy?

E2: Viado, deixa eu te “falartes” mana, té que não por causa daquela amiga “mayara” dele, mana, fiquei com ódio, fiquei “odiosão” com aquela piquena.

E1: Mana, então ela foi “uó” contigo, então?!

E2: “Uóssime”, mana, tipo, super lá, mana, a “neca” do “boy” marcada, mana, eu querendo sarrá e nada.

E1: É “odara”, mana? “Odara”? “Mati”? “Shine”?

E2: Mana, sei que eu “fiquei seca” (risos).

E1: Bichaaa, “pelamordi”.

E2: Viado, mas é isso né, me chamando pra fazer guerra eu não vou, mas me chamando pra fazer amor, me chama que eu vou.

E1: Me chama que eu tô.

Observou-se que a afinidade dos entrevistados com o bajubá é notória, o diálogo ocorre naturalmente e isso se dá em virtude de suas expressões e o evidente conhecimento sobre a linguagem ao utilizar palavras como por exemplo “odara”, “uóssimi”, “neca” “odiosão” no discurso acima apresentado.

Filho [s.d] menciona que além do Bajubá, existe uma série de palavras e sufixos que, quando acrescentados em diversas expressões e/ou palavras, servem para

rearranjá-las ou colocá-las no contexto próprio do Bajubá. É o que ocorre no fragmento acima e em um excerto da entrevista de Paola, no qual os entrevistados utilizam termos “uóssime” para “uó” e “alassime” para “ali”, que serve para quem estiver de “fora” não perceba o nível e/ou assunto da conversa. Abaixo um quadro de outros sufixos.

TABELA 03 – Sufixos de alguns termos em Bajubá

SUFIJO	EXEMPLOS	SIGNIFICADO
SIME	Acaissime	Aqui
	Alaissime	Ali
	Uóssime	Uó: ruim
	Mavélssime	Mavalda
	Palhacéssime	Palhaçada
AIDRE	Acaidre	Aqui
EISSE	Maplêisse	Mapô: mulher

Fonte: Pesquisa de Campo, 2016

A entrevista seguinte, com duração de 4 minutos e 42 segundos, decorreu-se com Teo, ficticiamente chamado por nós a fim de manter sigilo sobre sua real identidade. É também integrante da Federação Amapaense LGBT, sua idade é de 46 anos, é Católico Apostólico Romano e denomina-se homossexual. Conheceu o Bajubá através de amigos *gays* e o utiliza desde os anos 80. Quando lhe é perguntado com quem costuma utilizar ele relata que sempre utilizou com seus amigos que também já conhecem essa linguagem, complementa que a usa porque acha divertido e, muitas vezes, quer contar algo que outra pessoa não compreenda ou tenha conhecimento. Acrescenta ainda que é uma forma de trocar informações com seus pares *gays*. Em seu questionário fala que “*super*” se identifica com a linguagem, pois relata “*é uma afirmação do que somos e como socializamos nossas identidades. Também é uma forma de estabelecer nosso território e nossa identidade*”. De acordo com Souza (1998), o Bajubá para os *gays* assume um caráter simbólico, uma vez que tem como objetivo a maneira de demonstrar-se, de assumir sua condição de homossexual, de possibilitar uma possível troca simbólica, de proteger em determinadas situações de perigo ou quando farão alguma coisa. O entrevistado menciona que utiliza o bajubá de forma descontraída, socialmente, mas próximo a amigos e não a utiliza no trabalho. Sua relação com a linguagem é íntima, no decorrer da entrevista menciona palavras do bajubá naturalmente, isso reafirma sua identificação.

P: Você disse que utiliza o bajubá, qual a frequência que você utiliza?

E: Na verdade a frequência é, assim, como a maioria dos meus amigos são gays, eu sou gay, é uma forma descontraída da gente se comunicar e eu gosto, acho divertido, acho legal e é interessante porque ainda é uma identificação nossa, realmente tem umas pessoas que são heterossexuais e desconhecem totalmente, são palavras desconexas que pra gente tem todo significado e a gente se entende assim.

P: Qual a frequência que você utiliza?

E: Pouco, não uso muito. Porque como eu trabalho, assim, é muito difícil encontrar diariamente com pessoas que são amigos, assim, tudo pra gente então é trocar, é pouco, mas sempre que tem uma oportunidade a gente utiliza.

P: Onde você utiliza?

E: Com amigos, não no trabalho.

Segundo o entrevistado, as barreiras de comunicação existem, mas no decorrer dos tempos a propagação do bajubá vem se difundindo e alcançando um público muito maior, até mesmo daqueles que não fazem parte do universo LGBT. Souza (1998) introduz que, hoje, o bajubá é utilizado pela comunidade LGBT e por aqueles que se dizem simpatizantes, pois compartilham de um meio social em comum. O que é comprovado no fragmento da entrevista de Teo.

P: Você acha que o bajubá é utilizado apenas pelos LGBT?

E: Prioritariamente pelos LGBT, mas por exemplo, deixa eu te dizer aqueles que a gente chama de boys, meninos que ficam com outros meninos¹², acabam aprendendo e utilizado no seu cotidiano, eu conheço vários rapazes que tem isso, não tem nada a ver com essa questão da homossexualidade, eles acham divertido, acham gostoso, até muitas das vezes pra tirar sarro um com o outro começam a utilizar tranquilamente. Às vezes até conhecem mais do que os próprios gays.

A próxima entrevista posta em análise foi realizada com um membro da FALGBT, de 17 anos, o qual se definiu como bissexual, sem religião, e será

¹² Bussinger (2013) não encontrou uma definição que esclareça práticas e comportamentos utilizados pelos homens que fazem sexo com homens. Assim, escolhe uma definição apresentada pela ONG AGES (Associação de Gays do Espírito Santo), “que os define enquanto grupo cuja prática de sexo é comum entre homens, sem, no entanto, se identificarem como pertencentes a uma subcultura *gay*, definindo-se, inclusive, como heterossexuais”. (p. 78)

identificado com o nome fictício de Renato. O procedimento teve duração de 3 minutos e 10 segundos e, por meio dele, foi possível fazer perguntas relacionadas ao tema em questão, a fim de obter respostas sobre a identificação discursiva da comunidade LGBT com o bajubá.

P: Com que frequência você utiliza o bajubá?

E: Diariamente na minha vida, com os amigos LGBT, com quem eu tenho muito contato.

P: Quais os termos que você mais utiliza?

E: “Aqué” (dinheiro), “Lacre” que é fazer algo arrasador e sempre se chamar no feminino.

P: Só?

E: É!

Ao analisar a entrevista, foi possível perceber que o bajubá é uma linguagem bastante comum no cotidiano do entrevistado, pois trata-se de uma prática discursiva muito frequente em seu meio de convívio, tendo em vista que o ciclo de amizade dele envolve muitas pessoas LGBT e, por essa razão, o contato com a linguagem acabou sendo intensificado.

P: Qual a reação das pessoas ao ouvirem a linguagem?

E: Elas sempre riem, acham engraçado...acho que depende de pessoa.

P: Você acha que o bajubá é utilizado apenas pela comunidade LGBT ou por outras pessoas também?

E: Algumas mulheres “héteras” usam também, eu percebo muito isso. Até héteros também, homens héteros também utilizam.

O participante evidencia que quem ouve a referida linguagem, normalmente, a vê como algo engraçado, porém a reação depende de cada pessoa. Renato afirma ainda que a utilização do Bajubá não é comum apenas dentro da comunidade LGBT, pois ele afirma que mulheres e homens heterossexuais, os quais ele denomina “héteras” e “héteros”, também utilizam.

P: Narre um texto em bajubá

E: Na festa que eu fui sábado né?! Foi o grande “ataque”. “Grelhamos” “horrores” e como muitas bichas “lacrativas”, as bichas arrasaram muito.

P: Você se identifica com a linguagem?

E: Sim, sim. Me sinto muito bem falando, me expressando desse jeito.

É notória a identificação do participante com o Bajubá, uma vez que Renato diz se sentir bem ao utilizar a linguagem e, anteriormente, a essa afirmação, até narra um texto, mostrando como o Bajubá é frequente em suas práticas dialógicas.

Observa-se que além dele gostar de se expressar através dessa linguagem e considerar uma forma de descontração, ele demonstra enxergá-la como uma maneira de desafiar o padrão imposto pela sociedade e se opor ao preconceito que algumas pessoas têm contra os homossexuais e, conseqüentemente, contra a linguagem utilizada por boa parte deles. Isso pode ser confirmado, a seguir, através das palavras do próprio entrevistado.

P: Você percebe algum tipo de preconceito ao utilizar o bajubá?

E: Sim... sim, com certeza! Porque a gente tá desafiando, de uma certa forma... é... esse padrão heteronormativo da sociedade né? A gente vai quebrar por a gente se chamar no feminino e ter a nossa própria linguagem na qual a gente se identifica, como a gente se expressa.

Essa oposição defendida pelo entrevistado atesta que “embora uma pessoa possa estar posicionada de certa forma em um discurso específico, ela pode resistir a esta posição ou mesmo criar um contra discurso que a coloque em uma posição de sujeito e não de marginal” (PEIRCE, 1995, p 16, apud MOITA LOPES, 2006, p. 36).

A entrevista subsequente ocorreu com mais um membro da Federação Amapaense LGBT, de 17 anos, o qual não informou sua religião no questionário, definiu-se como gay e no decorrer da análise o identificaremos como Aquiles. O procedimento teve duração de 5 minutos e 2 segundos. As perguntas foram basicamente as mesmas, porém foram acrescentadas outras de acordo com o desenvolvimento da conversa.

P: Você utiliza o bajubá?

E: Utilizo!

P: Qual a frequência que você utiliza?

E: Ah! o tempo todo, tipo agora, querida.

P: Onde você utiliza?

E: Até em casa. “Mana”, a minha mãe não tá nem aí.

P: Tua mãe narra o bajubá também?

E: Ah, não! Ela não sabe, ela fica “uó”, “mana”.

P: Onde você utiliza?

E: Em casa, em qualquer lugar, até com “as hétero”, mana, que elas sabe.

P: Por que você utiliza?

E: Ah, porque “as gays” sabem se comunicar assim, então a gente usa essa linguagem.

P: Qual a reação das pessoas ao ouvirem a linguagem?

E: Mana, eles ficam voando! Aí eles falam: “para de a viadice”, meus amigos héteros sim.

Os primeiros pontos abordados na entrevista visavam obter informações sobre o conhecimento do participante sobre o bajubá e utilização dos termos no cotidiano do entrevistado. Aquiles afirmou que utiliza com frequência tanto dentro de segmentos LGBT, como também entre heterossexuais, mesmo não sendo compreendido na maioria das vezes.

O participante relatou que alguns amigos heterossexuais quando não compreendem a linguagem falam para ele parar de “viadice”. Isso demonstra um tratamento preconceituoso, pois eles se referem ao bajubá utilizando um termo pejorativo. A estranheza que essa linguagem provoca em alguns indivíduos confirma que nem todos os tipos de discursos têm liberdade para serem utilizados em qualquer momento, fato esse frisado por Foucault (1999) em alguns de seus estudos

Em uma sociedade como a nossa conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se muito bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim não pode falar de qualquer coisa. (FOUCAULT, 1999, p. 9)

P: Quais os termos que você mais utiliza?

E: Mana...deixa eu ver...ai...eu não sei....olha eu utilizo muita coisa, mas eu...eu nem sei.

P: Sem saber o significado?

E: Não, eu sei, mas....eu não consigo lembrar...só consigo falando mesmo.

P: Sai naturalmente então?

E: É!

P: Não consegue lembrar nenhum agora?

E: Ai... tipo... se vocês me falarem eu vou saber explicar, eu acho, se vocês falarem um.

P: O que quer dizer “Amapô” você sabe me dizer?

E: Mulher.

P: E “grelhar”?

E: Grelhar (risos), significa “grelhar”, mana!

P: Você conhece muitas ou poucas palavras?

E: Eu acho que eu conheço poucas, porque pelo o que os meninos já conversaram algumas coisas eu não entendo.

P: Desde quando você utiliza o bajubá?

E: Desde que eu comecei a andar com “as gay”, eu acho que há uns três meses atrás. É que eu era tipo “encubada”, querida. (rsrs)”

Nessa parte da entrevista fica claro que o participante assumiu sua orientação sexual há pouco tempo, seu contato com o bajubá é algo recente e o conhecimento do vocabulário ainda é bastante escasso, tendo em vista que o próprio assumiu, muitas vezes, não compreender alguns termos utilizados pelos seus amigos homossexuais, os quais ele intitula de “as gays”, e afirma que passou a utilizar depois que começou a conviver com eles.

Apesar do conhecimento ainda restrito dessa linguagem, o entrevistado afirma utilizar, constantemente, o bajubá no seu dia-a-dia, até mesmo dentro de casa, mesmo sem a mãe compreender muito bem as palavras proferidas por ele. O uso contínuo do bajubá na vida do participante ficou evidenciado na entrevista, principalmente, pelo fato do mesmo responder as perguntas utilizando termos dessa linguagem, muitas vezes sem perceber. Apesar dele não ter lembrado quais palavras ele mais utilizava, em algumas respostas, o participante utilizou termos da linguagem em questão como “uó” e além disso, como foi mencionado na entrevista de Renato, há uma quebra com o padrão heteronormativo nas práticas discursivas do segmento ao se chamarem no feminino “*a gente tá desafiando, de uma certa forma... é... esse padrão heteronormativo da sociedade né? A gente vai quebrar por a gente se chamar no feminino*”, o que é evidenciado no fragmento da entrevista de Aquiles, no qual é marcante o emprego do artigo feminino “a” e a falta de concordância com o substantivo em gênero e número: “*as gays*”, “*as hétero*”.

P: Você acha que o bajubá é utilizado apenas pela comunidade LGBT ou por outras pessoas também?

E: Não, por outras pessoas, pelos amigos ‘héteros’, depois que eles começam a conviver assim, eles aprendem, mana. Falam tudo ‘veado’.

P: Você se identifica com a linguagem?

E: Sim!

P: Em que momento essa linguagem influencia?

E: Oi, querida?

P: Você acha o bajubá importante?

E: Não! Sei lá, tipo, é só uma linguagem. Se tirar ela não vai fazer diferença, mas não vão tirar porque as gay... não vai fazer diferença, Thiago, para de me olhar, palhaço! Não vai não.

P: Narre um texto em bajubá

E: Pois é, mana... mana minha mãe é “uó”, ela não me arranja “Aquê” pra “Grelhar”.

Mesmo se identificando com o bajubá, fica claro que para o participante essa linguagem não tem muita importância e ele não a enxerga como um instrumento significativo para a comunidade LGBT. Segundo Aquiles, se o bajubá deixasse de existir, não faria diferença alguma, pois trata-se de uma simples linguagem. O entrevistado falou com muita convicção, tanto que fez questão de reafirmar sua opinião para o amigo que o olhou, aparentemente, surpreendido com a resposta.

Posteriormente entrevistamos Alexandre, acadêmico da Universidade Federal do Amapá, tem 25 anos, declarou não possuir religião, porém acredita em Deus e definiu-se na entrevista como gay. A conversa com ele durou 7 minutos e 15 segundos e seguiu a mesma linha das anteriores.

P: Você percebe algum tipo de preconceito ao utilizar o bajubá?

E: Olha... éééé... pessoalmente assim eu vejo muito pouco, muito pouco. Tanto é que, tipo, eu tenho vários amigos “héteros” que já utilizam né?! Mas também eu já vi situações em que as pessoas utilizam o termo, mas só que de uma forma meio que pejorativa, em “héteros”. Eles ficam tentando...Ah! não sei o quê... utilizando esse dialeto, mas com um cunho meio que de ironia.

P: Qual a reação das pessoas ao ouvirem a linguagem?

E: Eles acham engraçado. É... é muito engraçado, assim, quando eu tô com algum amigo que sabe o dialeto e a gente fala perto de uma outra pessoas que não entende, elas querem entendermas tipo levam numa boa porque sabem, já conhecem, já ouviram alguns termos só que não conhecem, não sabem o que significa, aí querem entender logo na hora o quê que a gente tá falando.

P: Você acha que o Bajubá é utilizado apenas pela comunidade LGBT ou por outras pessoas também?

E: Não é utilizado apenas pela comunidade LGBT. Já passou o tempo em que era apenas utilizado pela comunidade LGBT e acho que tá...tá se

tornando algo é...é...é...comum assim em vários grupos sociais. Assim, a gente vê bastante as pessoas utilizando já.

P: Com que frequência você utiliza o bajubá?

E: Frequentemente eu tô utilizando. Todo dia praticamente eu tô utilizando.

De acordo com as respostas obtidas, tanto na entrevista quanto no questionário, pôde-se perceber que o bajubá é utilizado pelo entrevistado tanto entre amigos homossexuais quanto heterossexuais. Com isso, é perceptível a naturalidade com que essa linguagem é tratada dentro do ciclo de amizade do mesmo. Ele afirma ainda que, atualmente, o bajubá é comum em vários grupos sociais e não somente dentro da comunidade LGBT, isso pôde ser constatado por ele ao verificar que, geralmente, ele percebe poucas manifestações de preconceito em relação à linguagem.

P: Quais os termos que você mais utiliza?

E: A maioria dos termos são de cunho sexuais né?! (risos) Brincadeira! Ah, tipo, “mapô”, que é mulher, “boy”, que é o carinha, o “ocó” (é... já é antigo ocó), mas enfim, a “neca”, que é...(risos)..o órgão sexual masculino, a “shelris”, que é o órgão sexual feminino, cara tem tanta coisa assim que...deixa eu ver...ham....o “truque”, que é tipo assim quando você vai querer dar...falar alguma mentira e tal, “equê”, “aquê” que é dinheiro, “equê” que é “truque”, que é a mentira. Mana, são tantas coisas que são engraçadas que é bacana utilizar. Essas são as mais que eu utilizo assim.

Nota-se que o participante tem uma relação próxima com o bajubá e que essa linguagem é muito comum no cotidiano dele, pois o mesmo a utiliza a um tempo considerável e demonstrou conhecer bastante termos quando lhe foi perguntado. Além de utilizar palavras do bajubá, frequentemente, durante suas respostas e citar várias, demonstrou domínio de seus significados.

P: Você conhece a origem do bajubá?

E: Olha, eu sei que tem vários termos que vem da origem religiosa né?! E das...das... religiões africanas por exemplo: “orí”, que é cabeça vem...vem da....da...da.. religião, “nena”, que são as fezes vem também da religião...ham...ham...”neca” parece quem tem alguma coisa relacionada também, mas só que há vários outros termos que foram sendo é...é...incrementados né?! Mas eu sei que muitos dos termos vem de origem

mesmo, que são até utilizados dentro lá da religião, que não tem um cunho sexual né?!

P: Qual religião?

E: Eu acho que é candomblé, umbanda, essas religiões assim de origem africana, que eu já frequentei alguns terreiros e eu vi eles utilizando mesmo lá, entendeu?!

P: Narre um texto em bajubá

E: Ah, mana. Nem te conto um babado. Ah o meu dia hoje foi uó.. Cansativo, mana, “uó” mesmo. Cheguei... eu trabalhei e tive...tive... uma turma hoje então eu tive uma outra aula às 11h, então eu tive que ficar lá, eu tive que almoçar aqui, não pude ir em casa comer. Aí não pude ver nem um “boy” hoje (risos), não pude fazer nenhum esquema assim, nem, mana, não pude engravatar nenhuma “neca” (risos), mas enfim... aí tá terminando legal agora que eu tô aqui narrando uns texto do bajubá, que é “babado”.

Na entrevista, verificou-se que o participante tem um conhecimento significativo sobre a origem do Bajubá. Isso evidencia que ele não apenas utiliza a linguagem, mas se interessa em conhecê-la. Enquanto respondia aos questionamentos, Alexandre manifestava muito entusiasmo em falar sobre o assunto, sempre rindo e respondendo com muita satisfação.

O entrevistado expressou, por meio do questionário, muita identificação com a linguagem, pois além de gostar de utilizá-la, ele a considera um instrumento de resistência ao preconceito e afirmação homossexual, sente-se representado por ela. Esse fato pode ser relacionado à concepção de Foucault que sustenta que “o poder gera resistência, portanto, nas práticas discursivas, identidades na posição de resistência são também construídas” (*apud* Moita Lopes, 2006, p. 36).

É perceptível que o Bajubá é uma prática discursiva de grande relevância na vida do entrevistado, pois não é apenas utilizado como forma de descontração entre amigos, para ele, essa linguagem também tem uma função social para comunidade LGBT.

A última entrevista foi realizada na Universidade Federal do Amapá, mas dessa vez com um técnico administrativo de 24 anos, que declarou não possuir religião e se definiu como homossexual. Iremos nos referir a ele como Virginus e seguiremos com as perguntas e respostas para realização da análise.

P: Você já ouviu falar no bajubá?

E: Já!

P: Com que frequência você utiliza o bajubá?

E: Eu utilizo mais quando eu estou com os amigos ou no dia a dia, mesmo sem perceber eu utilizo alguns termos.

P: Quais os termos que você mais utiliza?

E: Eu utilizo “equê”, “mica”, “arô”, “erê”, “mapô”, “ocó”, “neca”.

P: Você pode me falar algumas palavras e os seus significados?

E: Posso sim. Por exemplo: “erê”= criança, menino, pessoa jovem; “ocó”=homem, “amapô” ou “mapô” também né?! = mulher; “arô”=dinheiro; “neca”= referenciando-se ao órgão genital masculino; “mati”, “shane” e “odara”= as dimensões, tamanhos né?! Pequeno médio e grande, respectivamente, entre outros.

As primeiras indagações visavam obter dados sobre a utilização e conhecimento do participante sobre a linguagem em estudo. De acordo com as respostas obtidas pôde-se constatar que o Bajubá apresenta-se diariamente nas práticas discursivas do entrevistado e que o mesmo possui uma variedade vocabular muito ampla, tendo em vista que foi capaz de citar com facilidade diversas palavras e seus respectivos significados. Entretanto, apesar da utilização ser comum em seu meio social, o participante não utilizou o Bajubá em suas respostas, procurou responder aos questionamentos de maneira precisa utilizando, predominantemente, termos de sua língua materna.

P: Você acha que o Bajubá é utilizado apenas pela comunidade LGBT ou por outras pessoas também?

E: Acho que não, porque eu tenho muitos amigos que não são homossexuais, não são da comunidade LGBT e também utilizam alguns termos, mesmo sem saber os significados, eles utilizam. Alguns utilizam sabendo o significado, mas de uma forma de chacota com outros né, uma forma de brincadeira. E também vejo muitas amigas que são heterossexuais que o utilizam, em sua maioria elas andam com homossexuais.

P: Você percebe algum tipo de preconceito ao utilizar o Bajubá?

E: Sim, principalmente quando estamos perto de, por exemplo, parentes de namorados, companheiros que falam que aceitam a situação do nosso companheiro, só que não querem quem nós utilizemos essa linguagem próximo, quando tá perto de amigos ou até mesmo na...na... Faculdade, perto de alguns amigos que não gostam.

P: Qual a reação das pessoas ao ouvirem a linguagem?

E: Os que desconhecem, elas acham, de alguma forma, interessante, perguntam o que é, nós explicamos o que é, falamos que é um dialeto que é

próprio das...dos gays, que é o que nós utilizamos para nos comunicarmos, para conversarmos e tal. Os que sabem o significado e não gostam, têm preconceito. Eles falam pra gente evitar de falar isso, mas a gente não para de falar.

Ao ser indagado sobre os possíveis falantes do bajubá, o entrevistado destacou que a referida linguagem não é comum apenas dentro da comunidade LGBT, tendo em vista que seus amigos heterossexuais também a utilizam corriqueiramente, pois possuem uma relação próxima com o segmento, logo, diretamente, com a linguagem. Entretanto, Virginus frisou que percebe um certo preconceito quando o bajubá é utilizado perto de parentes de parceiros afetivos ou até mesmo de amigos que não gostam da linguagem.

P: Narre um texto em Bajubá

E: A “moince” foi “catar” a “neca” do “boy”, só que o “boy” estava no banheiro. O “boy” chamou o “alibã” para pegar a “moince”, a “moince” saiu correndo, falou: - corram! Lá vem o “alibã”, mas era tudo “equê” do “boy”, a “moince” não estava de olho nele. A “moince” só estava indo ao banheiro.

P: Você conhece a origem do bajubá?

E: Eu já ouvi falar da origem, que muitas palavras são termos da...da...religião da umbanda e do candomblé. Alguns termos por exemplo o “erê”, “orí” e entre outros. E outras são palavras que são originadas justamente da...dessa...dessa questão de... da própria mídia. Por exemplo, algumas regiões, como por exemplo em Manaus eles utilizam alguns termos que acabam... não sei se se tornando bajubá, mas se tornando conhecidas no mundo das “caise” e elas utilizam nesse significado e em algumas regiões eles utilizam com um significado e pra cá outro significado.

O entrevistado demonstrou conhecer parte da história da origem do Bajubá, tanto que citou palavras do bajubá as quais ela afirma serem oriundas de religiões africanas como a Umbanda, citada pelo participante. Virginus ressaltou que boa parte dos termos utilizados no bajubá são propagados pela mídia, tendo em vista que foi um dos meios pelos quais ele conheceu melhor a linguagem.

P: Desde quando você utiliza o bajubá?

E: Desde que eu me assumi, realmente, como homossexual. Antes, eu utilizava com pouca frequência porque eu via a minha namorada usando com os amigos dela que eram “homo”, então eu falei: - ‘égua! Interessante essa

linguagem', mas eu utilizava sem saber. Depois que eu me assumi realmente eu fui começar a utilizar mais, comecei a andar com pessoas que são iguais a mim e foi assim que peguei mais fluência da língua, do dialeto.

P: Você utiliza o Bajubá dentro da sua casa?

E: Eu utilizo às vezes sem perceber, mas às vezes eu utilizo também pra dar uma descontração que é bacana.

P: Como você conheceu a linguagem?

E: Através de amigos, como eu falei, através da própria mídia também, que tá sendo bastante difundido né, nos programas pode até ver essa interação essa...essa interação, na internet também tem um dicionário lá que eu fui pesquisar algumas palavrinhas.

Através dos questionamentos direcionados ao entrevistado, constatou-se que o primeiro contato dele com Bajubá ocorreu por intermédio de uma ex-namorada, antes dele assumir sua homossexualidade, porém a convivência com a linguagem só se fortaleceu quando ele assumiu sua orientação sexual e começou a interagir mais com amigos homossexuais.

Esse fato mostra que a afinidade que Virginus adquiriu com o Bajubá se estabeleceu a partir da interação dele com o discurso de seus amigos. Moita Lopes (2006, p.32) reforça essa ideia ao sustentar que “o que somos, nossas identidades sociais, portanto, são construídas por meio de nossas práticas discursivas com o outro”.

P: Você utiliza essa língua por quê?

E: Porque eu vejo que é uma forma que me identifica, identifica nossa comunidade, identifica o que nós somos, é algo que é....não se é....não sei se é exclusivo nosso, mas nos identifica de alguma forma, nos torna diferentes né?! É uma forma de tá interagindo, de tá conversando, de tá falando certas coisas que não seria cômodo, não seria, digamos assim, é... comum tá falando no meio de certas pessoas... que se sentiriam, de certa forma, ofendidas, então nós usamos essa linguagem como uma forma até de interagir apenas entre nós.

P: Então você se identifica e acha que é uma linguagem de identidade da comunidade LGBT?

E: Acredito que sim!”

P: Ou só de alguns?

E: Não. Acredito que é da comunidade em geral né, apenas. Poucos... não sei se poucos ou muitos...não tenho esses dados, mas eu acredito que, em sua maioria, muitos a utilizam também para esse fim.”

Virginus expressou sua afinidade com o Bajubá ao assegurar que utiliza a linguagem frequentemente em sua vida e ao destacar que essa linguagem caracteriza e identifica a comunidade LGBT, além de ser uma forma de interação dentro desse grupo social e uma maneira de conversar sem ser compreendido por qualquer um. Com isso, o entrevistado demonstra a relevância do Bajubá como prática discursiva LGBT e como uma forma de representatividade desse grupo dentro da sociedade.

A partir das práticas discursivas, analisadas nas 10 entrevistas, verificou-se, que, com exceção de uma, Paola, os demais utilizaram poucos termos do Bajubá em seus enunciados, porém em nenhum momento impusemos algo que seguissem aos nossos anseios, por entender que isso não contribuiria aos objetivos, questionamentos e reflexões da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem pode ser considerada um mecanismo social que proporciona a interação entre os indivíduos, bem como o meio por onde se manifestam sentimentos e ideias. Ela é variável e pode ser utilizada de maneiras diversas, dependendo do momento, do ambiente e do contexto social dos sujeitos. Essa possibilidade de variação se destaca na linguagem oral, na qual se observa maior número de modificações e inovações nas práticas discursivas.

Com base nesses aspectos, foi possível perceber que algumas linguagens e formas de comunicação, constantemente, são criadas ou modificadas. Esse fato ocorre, na maioria das vezes, dentro de determinados grupos, que se identificam, de alguma forma, e por motivos diversos criam meios de comunicação próprios a fim de diferenciarem seu discurso do padrão utilizado pela sociedade. Essa prática é bastante comum dentro de grupos sociais marginalizados.

No decorrer da pesquisa verificou-se que boa parte do segmento LGBT tem uma prática discursiva que caracteriza seu grupo. Essa linguagem, utilizada por eles, tem sua origem relacionada às religiões de matrizes africanas, que possibilitaram que lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais frequentassem seus terreiros, proporcionando, assim, a adoção de alguns termos, que associados a elementos da língua portuguesa deram origem a uma linguagem intitulada Bajubá.

Esta pesquisa teve como ponto principal apresentar o Bajubá como uma forma de comunicação de grande relevância para a construção da identidade LGBT, criada como mecanismo de resistência ao preconceito e utilizada por esse grupo devido a processos de identificação social e discursiva.

Através dos estudos realizados sobre o tema, foi possível compreender que os fatores que influenciam na identificação discursiva, de boa parte dos membros da comunidade LGBT, com o bajubá estão relacionados às trocas comunicativas e a interação que ocorre entre os sujeitos. Isso ficou confirmado por meio dos embasamentos teóricos e principalmente pelas respostas obtidas nas entrevistas e questionários. A maioria dos entrevistados relatou ter conhecido a linguagem por intermédio de amigos LGBT e a adoção da mesma está ligada ao fato dela ser utilizada frequentemente dentro dos meios sociais de convivência dos participantes,

inclusive entre heterossexuais que têm algum tipo de convívio com membros do agrupamento LGBT e com a prática discursiva deles.

Nota-se que o Bajubá ultrapassa as fronteiras da identificação LGBT e se difunde em ambientes diferentes de sua origem, logo, o que era para ser um código restrito ao grupo, proferido com a intenção de não ser compreendido pelos demais, em épocas de repressão, atualmente, faz parte também do discurso de diversos indivíduos que não se enquadram, necessariamente, ao segmento LGBT, porém de alguma forma se identificam com a linguagem característica desse grupo.

Apesar da utilização do Bajubá ser comum, também, entre heterossexuais, verificou-se que ainda há aqueles que discriminam essa linguagem e, conseqüentemente, seus falantes. O Bajubá, muitas vezes, é utilizado como uma forma de deboche e depreciação tanto da comunidade LGBT quanto da linguagem utilizada por seus membros.

Os fatores apresentados no decorrer do estudo que explicam esse contexto de intolerância estão profundamente vinculados a pensamentos históricos machistas e homofóbicos, que defendiam a superioridade masculina, e a concepções defensoras de um padrão sexual, o qual consideravam o gênero um aspecto definido biologicamente, acarretando, assim, a uma série de preconceitos que vigoram, até hoje, nos meios sociais contra aqueles que se diferem desse padrão, devido às sociedades ainda serem pautadas no conceito da heteronormatividade.

As teorias mais recentes alegam que o gênero não se restringe ao caráter biológico, tendo em vista que ele depende também da identificação dos sujeitos e se constrói por meio das relações sociais. Alguns indivíduos dispõem de características femininas ou masculinas sem necessariamente estarem de acordo com a sua anatomia.

Impulsionados pela luta contra todo esse contexto de hostilidade, boa parte dos gays, lésbicas, bissexuais travestis e transexuais foram instigados a criar uma prática discursiva própria e característica da comunidade LGBT. Os estudos de campo constataram que nem todos do meio LGBT conhecem o Bajubá, porém um número considerável conhece e utiliza frequentemente essa linguagem. Diante disso, foi possível inferir que a grande maioria dos falantes do Bajubá o considera uma linguagem que caracteriza seu grupo e identifica seus membros, trata-se de um instrumento de afirmação da orientação sexual, da identidade de gênero e, sobretudo,

de resistência a toda conjuntura de preconceito vivenciada, no decorrer da história, contra a comunidade LGBT.

Este trabalho contribui para o conhecimento desta linguagem pouco valorizada e pesquisada no país, pois compreende que o Bajubá estabelece uma conexão entre a comunidade LGBT, além de possibilitar a sociabilidade e identificação entre os que detêm seu domínio.

Durante a elaboração da pesquisa constatou-se que ainda são limitados os estudos e trabalhos científicos a respeito do Bajubá. A análise feita sobre essa linguagem, apresentada neste trabalho, abre possibilidades para diversas pesquisas que podem servir para futuras investigações, tais como: a influência que os aspectos socioeconômicos e culturais exercem no discurso dos falantes do Bajubá, bem como a segregação sofrida por uma boa parte dos LGBT que utilizam a referida linguagem como forma de identificação, haja vista que estas temáticas demandam um tempo de pesquisa superior para desenvolver as especificidades não aprofundadas neste estudo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miguel Vale de. **Teoria Queer e a Contestação da Categoria Gênero**, 2004.
- ALVES, Anderson Cristiano. **A origem e o uso da linguagem gay**. 2012. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português com Habilitação em Inglês – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2012. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/115415894/A-origem-e-o-uso-da-linguagem-gay-Anderson-Cristiano-Alves>>. Acesso em: 25 ago. 2015.
- BERLANT, LAURENT e WARNER, Michael. Sexo em Público. In: Jiménez, Rafael M. M. **Sexualidades Transgressoras**. Barcelona: Içaria, 2002.
- BERND, Zilá. **Identidade: origem, emprego e armadilhas do conceito. Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre. Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.
- BORBA, Rodrigo. **Identidade e intertextualidade: A construção de gênero e sexualidade na prevenção de DST/AIDS entre travestis que se prostituem**. Cadernos de Linguagem e sociedade, 9 (1), 2008.
- BUSSINGER, Rebeca Valadão. **SOMOS ENSINADOS A PENSAR EM SEXO”:** **Representações Sociais de Masculinidades e de Amor em Travestis, Homens Gays e Homens Heterossexuais**. 2013. 202 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.
- BUTLER, Judith P. Tradução de Renato Aguiar. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAETANO. Veridiana. **Discurso, trabalho e Construção da Identidade Homossexual: A Linguagem Cifrada em Diálogo**. 2009. 84 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2009.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: **Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura da Cidade do Salvador. (org.)**. Pasta de textos da professora e do professor. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.
- CAVALCANTI, M. **A propósito de Linguística Aplicada**. Trabalhos em Linguística Aplicada, Vol. 7, 1986.
- CRISCIO, Tamires; CARVALHO, Monique Fonseca; BURANI, Thaisa. **Linguagem das Tribos: Os homossexuais**. 2009.
- FAIRCLOUGH, Nornan. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: UNB, 2001.
- FILHO. Milton. **De bajubá em bajubá, onde será que vai dar? apropriações, classificações e relações de poder em Belém-PA**. 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II, O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. Ed. São Paulo: Edições Layola, 1999.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é Homossexualidade**. Abril cultura. Editora Brasiliense: São Paulo, 1985.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

KAUARK, F. S.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **METODOLOGIA DA PESQUISA: UM GUIA PRÁTICO**. ed. Via Litterarum, BH: Itabuna, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia científica**. - 5. ed.- São Paulo: Atlas, 2003.

MAGALHAES. Célia. **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2001.

MAGALHÃES, Izabel; CAETANO, Carmem Jená Machado; DÉCIO, Bessa. **Pesquisas em Análise de Discurso Crítica**. Livros LabCom, 2014.

MARTINS, Ronei Ximenes. **Metodologia de Pesquisa: guia de estudos / Ronei Ximenes Martins**. – Lavras: UFLA, 2013.

MELO, Iran Ferreira de. **Análise do Discurso e Análise crítica do Discurso: Desdobramentos e Intersecções**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, 2009.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: Um Aprendizado pelas diferenças**. São Paulo: Autêntica Editora, 2012.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização**. [s.d]

MOITA LOPES, L.P. **Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

MOITA LOPES, L.P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo-SP: Editora Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L.P. Discurso de Identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, Inês. **Lingua(gem) e identidade**. FAEP/Unicamp, 2002.

NELSON, Cynthia.D. A Teoria Queer em Linguística Aplicada: Enigmas sobre “Sair do Armário” em Salas de Aula Globalizadas. In: MOITA LOPES, L.P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo-SP: Editora Parábola, 2006.

OLIVEIRA, Fernando Alves de. **A influência da linguagem do Candomblé no falar dos homossexuais**. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 2, n. 3, p. 3-12, dez. 2013.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L.P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo-SP: Editora Parábola, 2006.

PESSIS, Anne Marie; MARTÍN, Gabriela. Das Origens Desigualdades de gênero. In: **Marcadas a ferro. Violência contra a mulher, uma visão multidisciplinar**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **A linguagem do candomblé**. Níveis sociolinguísticos de integração afro-portuguesa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. N. **Manual de metodologia científica. 3. ed. Novo Hamburgo**, RS: Feevale, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero e Patriarcado. In: **Marcadas a ferro. Violência contra a mulher, uma visão multidisciplinar**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

SANTOS, Juliana Anacleto dos. **Gênero na Teoria Social: Papéis, interações e instituições**. [s.d].

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. In: **Olhares em Análise de Discurso Crítica**. Brasília, 2009.

SOUZA, Izabela Janete de. “Tribos Urbanas”: Drag Queens- rainhas ou dragões? 1998. 246 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal do Pará, Belém, 1998.

VIP, Ângelo; LIB, Fred. **Aurélia, a Dicionária da Língua Afiada**. Editora do Bispo: São Paulo, 2006.

WODAK, Ruth. **Do que trata a ADC – Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos**, 2004.

GLOSSÁRIO

Alibã= Policial

Aqué (Acué)= Dinheiro

Arô= Dinheiro

Babado= Acontecimento forte, tanto bom quanto ruim

Boy= Homem

Catar = Olhar, entender, “pegar uma conversar no ar”

Chuca= lavagem intestinal, geralmente feita com a mangueira do chuveirinho

Coió= Bater em alguém, xingar alguém

Encubada= Homossexual não assumido

Equê = Mentira, truque

Erê= Criança, adolescente, rapaz novo

Grelhar= Divertir-se

Guá= expressão de surpresa

Inhain= Cumprimento. E aí?

Iacrativas= Pessoas que se divertem em qualquer lugar e chamam atenção.

Lacre= Diversão, arraso

Mapô = Mulher

Mati = Pequeno

Mayara= Pessoa gorda

Mica = Mentira

Moince = Homossexual afeminado

Musa= Mulher

Neca = Orgão Genital Masculino

Nena = Fezes

Ocó = Homem

Odara = Grande, bonito

Odiosão= Aumentativo de ódio

Orí = Cabeça

Pelamordi = Pelo amor de Deus sincopada

Pencas= Muito, bastante

Perereca= Feia, deselegante

Poc- Poc= O mesmo que quaquá

Quaquá= Homossexual afeminado ou faladeiras e/ou que contam muito “bafo”

Shelris = Orgão Genital Feminino

Shine = Médio

Talibã= Polícia

Truque = Mentira

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E JORNALISMO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Somos acadêmicas da Universidade federal do Amapá (Unifap), em processo de conclusão de curso e estamos coletando dados para nossa Monografia intitulada “Bajubá: “Língua” como Traço Identitário do Segmento LGBT”. Este questionário consiste em 10 perguntas abertas e esperamos contar com sua colaboração.

1. Qual a sua idade?

2. Qual sua religião?

3. Qual sua orientação sexual?

4. Você conhece o Bajubá?

5. Como você conheceu essa linguagem?

6. Você utiliza ou já utilizou o Bajubá? Por que você o utiliza?

7. Desde quando utiliza?

8. Com quem você costuma utilizá-lo, onde e por quê?

9. Você se identifica com essa linguagem? Por quê?

10- Quais os termos que você mais utiliza do Bajubá e qual os seus significados?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E JORNALISMO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

- Você percebe algum tipo de preconceito ao utilizar a Bajubá?
- Qual a reação das pessoas ao ouvirem a linguagem?
- Você acha que o Bajubá é utilizado apenas pela comunidade LGBT ou por outras pessoas também?
- Com que frequência você utiliza o bajubá?
- Quais os termos que você mais utiliza?
- Narre um texto utilizando o bajubá.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E JORNALISMO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadoras responsáveis as acadêmicas de graduação **Eline Samara de Souza Santos, Ioleni Ribeiro de Moraes e Ruany Maira da Silva Silva**, do curso de **Letras Português-Inglês** da Universidade Federal do Amapá – Unifap. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas e aplicação de questionário com o segmento LGBT, visando, por parte das referidas acadêmicas, a realização de coleta de dados e, a partir dessa coleta, analisar os dados para a fase final do **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC III)** intitulado **“Bajubá: “Linguagem” como Traço Identitário do Segmento LGBT”**. Minha participação consistirá em responder o questionário e conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados com prévia autorização, assim como será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. As acadêmicas providenciarão uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

Macapá, ____ de _____ de 2016

FIGURA 02 – III Conferência Estadual dos Direitos Humanos



Fonte: Rede da Juventude LGBT - Lara Fabyan¹³, 2016.

¹³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/Rededajuventudelgbt/photos/pb.1571268396456301.-2207520000.1463605917./1667227820193691/?type=3&theater>> Acesso em: 10 mai. 2016

FIGURA 03 – III Conferência Estadual dos Direitos Humanos



Fonte: Rede da Juventude LGBT - Lara Fabyan¹⁴, 2016;

¹⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/Rededajuventudelgbt/photos/pb.1571268396456301.-2207520000.1463605917./1667227640193709/?type=3&theater>>. Acesso em: 10 mai. 2016

FIGURA 04 – III Conferência Estadual dos Direitos Humanos



Fonte: Rede da Juventude LGBT - Lara Fabyan¹⁵, 2016.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/Rededajuventudelgbt/photos/pb.1571268396456301.-2207520000.1463605930./1665560393693767/?type=3&theater>>. Acesso em: 10 mai. 2016